UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A PARENTALIDADE PATERNA NA SEPARAÇÃO CONJUGAL QUANDO OS FILHOS COABITAM COM O GENITOR

Carolina Corrêa Vilaça

Vitória

2018

CAROLINA CORRÊA VILAÇA

A PARENTALIDADE PATERNA NA SEPARAÇÃO CONJUGAL QUANDO OS FILHOS COABITAM COM O GENITOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, orientado pela profa. Dra. Célia Regina Rangel Nascimento, como requisito parcial obtenção do título de Mestre.

Vitória

2018

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Vilaça, Carolina Corrêa, 1984-
V695p A parentalidade paterna na separação conjugal quando os filhos coabitam com o genitor / Carolina Corrêa Vilaça. - 2018.
124 f.

Orientadora: Célia Regina Rangel Nascimento.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. parentalidade. 2. separação (Psicologia). 3. guarda de menores. I. Nascimento, Célia Regina Rangel. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

A PARENTALIDADE PATERNA NA SEPARAÇÃO CONJUGAL QUANDO OS FILHOS COABITAM COM O GENITOR - UFES

CAROLINA CORRÊA VILAÇA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 27 de setembro de 2018, por:

_____

Profa. Dra. Célia Regina Rangel Nascimento - Orientadora, UFES.

_____

Profa. Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho , UFF.

_____

Profa.Dra. Luciana Suárez Grzybowski , UFCSPA.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus, por abençoar minhas escolhas, iluminar a minha caminhada e me fazer acreditar que no final tudo daria certo.

Ao meu marido, Bruno, pelo apoio e suporte, pela paciência, pela compreensão, pela preocupação, pelo cuidado diário, pelas palavras acolhedoras nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Afrânio e Inês, por torcerem e confiarem nas minhas escolhas. Vocês são os meus melhores exemplos. As minhas conquistas são suas também.

Ao meu pacotinho de amor, Anita, por me proporcionar momentos leves, de afeto, de aprendizado e tão divertidos nessa árdua jornada.

À amiga e colega de profissão, Cláudia, por me incentivar a ingressar no Mestrado e me inspirar a ser uma profissional cada dia melhor, por compartilhar seus conhecimentos e sua prática. Para além das trocas diárias de conhecimento, nossas trocas afetivas e suas palavras acolhedoras foram essenciais nos momentos em que pensei que não conseguiria finalizar essa caminhada.

Ao Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, em especial ao Diretor do Fórum de Vila Velha, que autorizaram a coleta de dados nesse espaço. O trabalho nas Varas de Família me encantou desde o início e desde então venho buscando formas de me capacitar para atender essas pessoas, que na maioria das vezes chegam tão fragilizadas.

À equipe da Central de Apoio Multidisciplinar de Vila Velha, pela importante contribuição em indicar as famílias que se adequavam ao perfil deste estudo. Muito obrigada!

Aos professores do PPGP, em especial a professora Heloisa pelo aprendizado acerca do desenvolvimento humano e pelas palavras encorajadoras, professoras Edinete e Suemi pelas contribuições para meu projeto na minha qualificação.

À Célia, minha orientadora, pela ajuda fundamental na conclusão deste trabalho. Por me auxiliar na construção do conhecimento científico. E para além disso, pelas supervisões que também me proporcionaram momentos de reflexão e aprendizado.

À estudante da graduação, Roberta Reinell, que me ajudou no árduo trabalho de transcrever todo o material. Sempre solícita e disponível. Seu auxílio foi essencial e necessário. Minha eterna gratidão.

Às famílias pesquisadas, pela solicitude e disponibilidade para revelarem seus sentimentos e me ajudarem a construir esse trabalho. Aprendi muito com cada um de vocês e cada história me tocou de forma única. Muito obrigada!

Resumo

Vilaça, C.C (2018). *A parentalidade paterna na separação conjugal quando os filhos coabitam com o genitor*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

É cada vez maior o número de pais que expressam seu desejo de continuar convivendo e participando da vida dos filhos, mesmo diante da ruptura conjugal. Verifica-se também um aumento do número de pais que têm demonstrado interesse em assumir os cuidados dos filhos após a separação, por se sentirem tão capazes quanto às mães. Entretanto, sabe-se que, apesar da obrigatoriedade da guarda compartilhada no Brasil, a residência de referência ainda continua, na maior parte dos casos, sendo a materna. Possivelmente por isso ainda existe pouca informação acerca da parentalidade paterna, no contexto de separação conjugal, quando os filhos residem com o pai. O presente estudo objetivou descrever como é experienciada a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal quando os filhos residem com o genitor, a partir da perspectiva do pai e dos filhos. Participaram da pesquisa seis famílias, tendo sido entrevistados o pai e um dos filhos que tivesse idade entre 09 e 12 anos. Foi estabelecido como critério de inclusão que, pelo menos, um dos filhos, nessa faixa etária, estivesse sob a guarda de fato do pai. Os pais tinham idade entre 31 e 35 anos e responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturado, composto por temas referentes à caracterização sociodemográfica, características do exercício da parentalidade antes e após a separação, rotina e relação pai/filho(s), relação pai/mãe, participação de outros familiares nos cuidados com o(s) filho(s) e outros contextos. Aplicou-se também, em todos os participantes, a entrevista para levantamento dos contextos ecológicos e suas inter-relações, que foi adaptado para o objetivo dessa pesquisa, buscando-se avaliar quais contextos de convivência eram significativos para pais e filhos e como contribuíam para o exercício da parentalidade. Todos os participantes aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. A análise das entrevistas dos pais e dos filhos foi feita com base na Análise de Conteúdo. Após leitura e análise do material, os relatos foram organizados em categorias, para os dois grupos de

participantes, considerando-se os temas de maior importância para os objetivos da pesquisa: ser pai, a parentalidade após a separação e os impactos na rotina, como as crianças foram morar com o pai e o que mudou na relação, cuidados com os filhos, limites e controle, atividades que realizam juntos, relacionamento pais e filhos, principais desafios, participação da mãe biológica na vida dos filhos, avaliação que as mães biológicas fazem sobre os cuidados dos pais. Como resultados principais verificou-se que os pais que assumiram os filhos após a separação sentiram uma responsabilidade maior e reorganizaram sua vida visando atender às necessidades dos filhos. Para tanto contaram com a ajuda e suporte de terceiros, principalmente das madrastas, avós e cuidadoras. Além disso, esses pais mostraram-se comprometidos não só com a função de prover e disciplinar, mas também com o aspecto afetivo do relacionamento. Enfrentaram os desafios de assumir os cuidados parentais após a separação e conciliar o trabalho e o tempo disponível para os filhos. Constatou-se que tanto os pais como os filhos compreendiam a relação como sendo próxima e positiva. Tendo em vista a teoria Bioecológica do Desenvolvimento a casa do pai, entendida como um microssistema, encorajou e proporcionou interações significativas, possibilitando os processos proximais de modo a promover o desenvolvimento das crianças e dos pais. Concluiu-se que a pesquisa possibilitou a ampliação de informações a respeito da parentalidade paterna no contexto de separação quando os filhos residem com o genitor, contribuindo para o conhecimento sobre o tema. Destacou-se ainda que a consideração do ponto de vista dos pais e dos filhos proporcionou uma compreensão mais ampla do contexto, visto que as relações são bidirecionais, havendo influência em ambas as direções.

Palavras- chave: parentalidade; separação; divórcio; guarda paterna; teoria bioecológica

Abstract

Vilaça, C.C (2018). *Paternal parenting in marital separation when the children live with the father.* Master's degree dissertation. Post-graduation program in Psychology, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

Everyday more and more fathers express their desire to continue living and getting involved in their children's lives, even though facing a marital breakdown. We can also verify an increase in the number of fathers who have shown a wish in taking care of their children after separation because they feel as much capable as the mothers. However, it is known that, despite the mandatory shared custody in Brazil, the reference residence still continues, in the most of cases, being in the maternal one. Perhaps because of this fact there is still little information about paternal parenting, in the context of marital separation, when the children live with the father. The present study aimed to describe how paternal parenting is experienced in the context of conjugal separation when the children live with the father from the perspective both of the father and the children. Six families participated of the study. The father and one of his children between the ages of 9 and 12 were interviewed. It was established as an inclusion criterion that at least one of the children in this age group was in fact under the custody of the father. The fathers were aged between 31 and 35 years old and answered to a semi-structured interview script, composed by themes related to the sociodemographic characterization, characteristics of the exercise of parenthood before and after separation, routine and parent / child relationship, relationship parenting, participation of other family members in caring of the children and other contexts. It was also applied, in all of the participants, an interview to survey the ecological contexts and their interrelationships, which were adapted for the purpose of this research, aiming to evaluate which contexts of coexistence were significant for fathers and children and how they contributed to the exercise of parenting. All the participants accepted to enroll voluntarily of the research and signed the Term of Free and Informed Consent and the Term of Free and Clarified Assent. The analysis of parents' and children's interviews was done based on the Content Analysis. After reading and analyzing the material, the

reports were organized into categories for the two groups of participants, considering the most important themes for the research objectives: being a father, post-separation parenting and routine impacts, such as how did the children start living with the father, and what changed in the relationship, childcare, limits and control, activities that they carry out together, fathers and children relationship, main challenges, role of the biological mother in the life of the children, evaluation that biological mothers do on parental care. As main results it was found that the fathers who took the children after the separation felt a greater responsibility and reorganized their life in order to attend the children's needs. For those they had the help and support of third parties, especially of stepmothers, grandmothers and caregivers. In addition, these parents were committed not only to the role of providing and disciplining, but also to the affective aspect of the relationship. They have faced the challenges of taking parental care after separation and reconciling work and time available to their children. It was found that both fathers and children understood the relationship to be close and positive. Considering the bioecological theory of development, the father's house, comprehended as a microsystem, encouraged and provided meaningful interactions, enabling the proximal processes to promote the development of children and fathers. It was concluded that the research made possible the expansion of information regarding paternal parenting in the context of separation when children live with the father, contributing to the knowledge about the subject. It was also pointed out that consideration from the point of view of fathers and children provided a broader understanding of the context, since the relationships are two-way, having influence in both directions.

Keywords: parenting; separation; divorce; parental custody; bioecological theory

Sumário

Apresentação 13
1 Introdução 15
Parentalidade 20
Parentalidade após o divórcio 30
A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....34
Objetivo geral 34
Objetivos específicos.....34
2 Método 35
Delineamento da Pesquisa.....35
Participantes 35
Instrumento 37
Procedimento e coleta de dados 38
Aspectos éticos.....39
Análise e interpretação dos dados..... 39
3 Resultados 42
Família 1- Renato e Amanda 42
Família 2- Mário e Mel 42
Família 3- Arthur e Saulo.....43
Família 4- Elias e Helena 44
Família 5- João e Juliana 44
Família 6- Fernando e Elisa 45
Ser pai.....46
Perspectiva dos pais 46
A parentalidade após a separação e os impactos na rotina 49
Perspectiva dos pais 49
Como as crianças foram morar com o pai e o que mudou na relação 51
Perspectiva dos pais 51
Perspectiva dos filhos 52
Cuidados com os filhos 53
Perspectiva dos pais 53
Perspectiva dos filhos 57

Limites e controle 59
Perspectiva dos pais 59
Perspectiva dos filhos 61
Atividades que realizam juntos 62
Perspectiva dos pais 62
Perspectiva dos filhos 63
Relacionamento pais e filhos 64
Perspectiva dos pais 64
Perspectiva dos filhos 66
Principais desafios 68
Perspectiva dos pais 68
Participação da mãe biológica na vida dos filhos 70
Perspectiva dos pais 70
Perspectiva dos filhos 72
Avaliação que as mães biológicas fazem sobre os cuidados dos pais 73
Perspectiva dos pais 73
4 Discussão.....75
Parentalidade, separação e divórcio 75
Perspectivas dos pais X perspectivas dos filhos 86
5 Considerações Finais 94
6 Referências bibliográficas 99
7 Apêndices 106
Apêndice I- Entrevista roteiro semiestruturado.....106
Apêndice II- Instrumento para Levantamento dos Contextos Ecológicos e suas Inter-relações: Uma aplicação do Modelo PPCT com o pai……...108
Apêndice III- Instrumento para Levantamento dos Contextos Ecológicos e suas Inter-relações: Uma aplicação do Modelo PPCT com a criança……112
Apêndice IV -Carta de Apresentação e Aprovação da Pesquisa junto à Instituição.....…117
Apêndice V- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....…...119
Apêndice VI- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....122

Apresentação

A escolha da parentalidade como tema desta pesquisa está relacionada à experiência pessoal da pesquisadora. Como psicóloga atuante nas Varas de Família do Poder Judiciário do Espírito Santo, na Comarca de Vila Velha, desde dezembro de 2012, percebi que o interesse do pai pela guarda dos filhos após o divórcio estava crescendo. E ainda, observei que, cada vez mais, era comum encontrar o genitor exercendo a guarda de fato dos filhos após a separação. As mudanças nas configurações familiares ao longo dos anos vêm transformando o exercício da parentalidade, principalmente no que diz respeito aos pais. Os papéis parentais estão sendo revistos e os desafios decorrentes dessas mudanças têm gerado dúvidas, medos e angústias para todos os envolvidos - pais, mães, filhos e profissionais.

A Central de Apoio Multidisciplinar recebe processos das quatro Varas de Família da Comarca de Vila Velha. Os profissionais psicólogos e assistentes sociais são demandados a realizar estudos técnicos para auxiliar a decisão dos magistrados. No contexto de separação no qual o pai é o principal responsável pelos cuidados dos filhos, observou-se que ainda existe pré-conceito e relutância da sociedade acerca do genitor assumir esse papel. A principal questão diz respeito à competência do pai para ocupar essa função, que por muito tempo foi considerada como dever e prioridade da mãe.

Ao buscar a literatura específica para assistir as famílias e até mesmo respaldar os relatórios psicológicos elaborados para os juízes, notei que as produções sobre o tema ainda eram escassas. Quando iniciei a revisão da literatura de forma mais sistemática pude confirmar que o assunto ainda necessitava de mais estudos. Dessa forma, o mestrado apresentou-se como uma oportunidade para investigar o tema de maneira aprofundada, contribuindo assim para a construção do conhecimento científico e para a fundamentação teórica da prática.

Assim, neste trabalho, espera-se que ao descrever como os pais exercem a parentalidade a partir do momento que se tornaram responsáveis pelos filhos após a separação, além da percepção e sentimentos dos filhos acerca dessa vivência, esse trabalho contribua com a ampliação do conhecimento dessa realidade. Espera-se também que esse estudo possa dar subsídios para o trabalho dos profissionais que atuam nas Varas de Família e favorecer a reflexão crítica sobre a concepção presente no senso comum de que a mãe tem prioridade para cuidar dos filhos após a ruptura conjugal.

1- Introdução

A família é um sistema complexo de relações que tem sua organização e compreensão modificadas ao longo do tempo, considerando os processos de transformação histórica, social e cultural (Botton; Cúnico; Barcinski & Strey, 2015; Cúnico & Arpini, 2013). Assim, para entender a diversidade de organizações familiares existentes em nossa realidade atual é essencial conhecer a história da instituição familiar e como se deram suas alterações (Cúnico & Arpini, 2013).

Ao buscar compreender a ausência paterna após a separação conjugal, Cúnico e Arpini (2013) apresentam as modificações ocorridas na organização familiar, desde a Idade Média até o início dos tempos modernos, evidenciando três fases da instituição familiar: a tradicional, a moderna, a contemporânea ou pós-moderna. Essas autoras consideram que a família tradicional visava transferir o patrimônio por intermédio de casamentos combinados entre os pais dos noivos. Destacavam-se a desconsideração da afetividade e a subordinação da família perante a autoridade patriarcal.

A família moderna, também denominada nuclear e/ou família conjugal burguesa, surgiu simultaneamente à ascensão da burguesia do século XVIII destacando-se valores burgueses como: o amor entre marido e mulher, a união dos cônjuges em benefício da tranquilidade e segurança dos filhos, a atenção pela educação das crianças, a valorização da maternidade, a constituição de relações hierárquicas entre homens e mulheres (Reis, 2010). O estabelecimento desse modelo familiar repercutiu na vida dos homens e das mulheres (Cúnico & Arpini, 2013). A emergência do capitalismo instituiu uma nova divisão do trabalho em que os homens estavam ligados à produção, uma vida pública, e as mulheres vinculadas ao ambiente doméstico, ou seja, uma vida privada. Assim, coube a mãe a função de se responsabilizar pela educação, cuidados dos filhos, atividades domésticas e se dedicar ao marido; e ao homem ficou atribuído o encargo da subsistência da família, do controle

disciplinar e do pátrio poder (Botton, et al. 2015; Isotton & Falke, 2014; Reis, 2010). Nesse cenário, naturalizou-se o amor maternal como instinto, enquanto a paternidade passou a ser relacionada ao sustento financeiro (Botton, et al., 2015).

Resumidamente, a família conjugal burguesa reproduzia um modelo de relações afetivas, sexuais e hierárquicas, no qual a vida familiar e a sociedade como um todo deveria se respaldar (Cúnico & Arpini, 2013). Entretanto, a continuidade da família nuclear dependia, principalmente, do bom desempenho da mulher como esposa e mãe. Contudo, alguns eventos ao longo do tempo, como: o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o feminismo, os métodos anticoncepcionais para o controle da natalidade e o divórcio como alternativa, modificaram essa organização familiar (Cúnico & Arpini, 2013; Isotton & Falke, 2014a ; Reis, 2010; Sarti,2003). Essas novas possibilidades inseriram para as mulheres, como cita Sarti (2003, p.32), “pelo menos em algum nível, a introdução da noção de “escolha”, pois a mulher não satisfeita com os papéis a elas socialmente atribuídos poderia então optar por ter uma vida profissional, escolher o momento mais adequado para ter um filho ou para não ter. E ainda, após 2010 o casamento passou a ser desfeito imediatamente ao divórcio, sem a necessidade da separação judicial prévia de dois anos, possibilitando às pessoas a casarem-se novamente e constituir uma nova família (Santos, 2013).

É nessa conjuntura que se estabelece a família contemporânea e/ou pós-moderna, na qual o casamento não é mais indissolúvel e a união entre dois indivíduos, na busca de relações íntimas ou realização sexual, permanece até o momento em que o afeto, a parceria e os objetivos façam parte de um projeto comum (Cúnico & Arpini, 2013). Assim, verifica-se que fatores expressivos como o aumento do número de divórcios, a redução dos índices de casamento formal, a diminuição do número de filhos e do desejo das mulheres de tê-los, tanto deram visibilidade como viabilizaram os novos arranjos familiares na contemporaneidade (Souza, Beleza & Andrade, 2012).

Além da família nuclear podemos encontrar a família monoparental, a família extensa, a família reconstituída e a família biparental homossexual. A família nuclear é a configuração tradicional e é formada por pai, mãe e filhos. A família monoparental é caracterizada como aquela chefiada apenas por um dos genitores, na qual apenas o homem ou a mulher exercem a função de prover os cuidados da prole (Souza, et al., 2012). Acrescenta-se ainda que essa família pode viver isolada ou no lar de parentes, como na casa dos avós maternos ou paternos. Nesse caso, temos a família extensa, formada pela base nuclear, com parentes diretos (pais, irmãos, tios, avós e primos) e colaterais (aqueles que não possuem laços consanguíneos), residindo na mesma casa. Já as famílias reconstituídas, são aquelas que se originam da pluralidade das relações parentais, advindas do divórcio, separação, recasamento e das desuniões (Souza, et al., 2012). A família biparental homossexual é formada por um casal com dois homens ou duas mulheres.

Com a relevância desses arranjos familiares verifica-se também transformações no exercício da parentalidade (Magalhães, 2007). A parentalidade vem se destacando como objeto de estudo tendo em vista as recentes transformações nas configurações da família. Ao investigarmos a história das famílias e das relações de parentesco compreendemos que a parentalidade, como entendemos hoje, nem sempre esteve presente (Gorin, Melo, Machado & Feres-Carneiro, 2015). Assim, para Gorin et al. (2015) tanto as relações familiares como as funções parentais se transformaram e reorganizaram ao longo do tempo, seguindo as mudanças em andamento na sociedade.

Em virtude das mudanças sociais, culturais e econômicas, principalmente em relação à entrada da mulher no mercado de trabalho, e consequentemente maior participação no sistema financeiro familiar, presenciamos os pais dividindo com as mães os cuidados e afetos com os filhos, desempenhando uma função que até então era caracterizada como 'maternalizante' (Amazonas & Braga, 2006). Essas autoras observam que a organização das famílias nucleares

já se apresenta de outro modo quando se verifica que o lugar que foi conferido às mães vem sendo compartilhado com o pai, com os avós e outros parentes. Contudo, o fato de a maternidade ser uma função feminina socialmente valorizada faz com que algumas mães ainda apresentem certa resistência à participação dos homens no compartilhamento dos cuidados com os filhos.

Ressalta-se que, ao longo do tempo, a própria Psicologia promoveu a ênfase na relação mãe/criança como fundamental para o desenvolvimento infantil e o pai foi caracterizado como ausente e distante (Borsa & Nunes, 2011). As autoras destacam a teoria winnicotiana, que aponta a importância da presença materna para o desenvolvimento saudável, a teoria de Spitz que traz o conceito de “clima emocional favorável”, construído a partir da dedicação, do amor e do afeto da mãe para com seu bebê e a teoria de Bowlby, que enfatiza que as crianças que obtiveram um apego seguro com suas mães tendem a se tornar sujeitos confiantes e sociáveis. Dessa forma, esses autores, no período no qual as teorias foram formuladas, compreenderam que a dedicação materna, construída através do amor incondicional, alicerçava um desenvolvimento saudável da criança ao longo de toda a sua vida (Borsa & Nunes, 2011). Importante salientar que essas teorias foram elaboradas e inspiradas nos valores sociais da época.

Contudo, as configurações familiares, tal como vêm se apresentando, permitem uma maior igualdade na divisão de tarefas e responsabilidades entre os integrantes da família, facilitando a construção de diferentes formas de relações, assim, comportamentos mais equitativos no interior da família passam a ser mais comuns (Cúnico & Arpini, 2013). Verifica-se que os espaços tradicionalmente masculinos, estão cada vez mais ocupados pelas mulheres, assim, pode-se perceber também novas demandas para o papel masculino, que vem sendo cada vez mais discutido e questionado. Este novo arranjo se apresenta como uma das alterações mais significativas nas relações parentais da família contemporânea (Staudt, 2007).

Nessa reorganização dos papéis, as regras, os valores, a expressão dos afetos, a hierarquia e também as metas familiares são estabelecidas de forma diferente (Magalhães, 2007). Segundo Magalhães (2007, p.11) “as relações de gênero tendem a ser mais igualitárias, e as diferenças entre os papéis parentais também tendem a ser menos nítidas”. Contudo, considera-se que as famílias vivem um momento em relação a estes papéis, no qual coexistem valores novos com valores tradicionais. Em um estudo realizado por Jablonski (2010) que pesquisou o cotidiano do casamento de 20 casais heterossexuais, com ambos os membros trabalhando fora e possuindo ao menos um filho, investigou como acontecia a negociação de tarefas dentro do lar. Os resultados mostraram que os homens ainda são coadjuvantes nas responsabilidades domésticas. E ainda, verificou-se que após se tornarem pais e mães os participantes adotaram comportamentos mais tradicionais no que diz respeito aos papéis parentais e divisão de atividades domésticas, concluindo que ainda há um longo caminho a ser percorrido para as relações de fato igualitárias.

Lamb (1992) ao analisar o papel do pai na história norte americana concluiu que inicialmente, e por muito tempo, o pai foi responsável por supervisionar e ensinar valores morais. Em meados do século XIX ele passou a ser visto como o provedor financeiro da família, sendo esta a característica mais relevante e determinante da paternidade. Após a Segunda Guerra Mundial surgiu a necessidade de que os pais fossem modelos fortes de tipificação sexual. E enfim, na metade da década de 70, o pai começou a se mostrar mais ativo e envolvido na vida dos filhos, sendo que a participação nos cuidados passou a ser compreendida como uma caraterística importante para avaliar os bons pais.

Ao pesquisar o fenômeno da paternidade na contemporaneidade, Staudt (2007) verificou que algumas mudanças na relação dos pais com seus filhos vêm ocorrendo gradualmente no esforço de conduzir o homem para a vida familiar, condição demonstrada pela maior interação e manifestação de afeto por parte dos pais. Contudo, de acordo com

Borsa e Nunes (2011), ainda que mudanças tenham ocorrido na família contemporânea, a diferença de papéis entre homens e mulheres ainda é uma realidade. A pesquisa sobre a guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade de Vieira e Souza (2010, p.593) destacou que "a participação dos homens ainda é parcial e descontínua quando comparada às mulheres, mesmo quando elas também possuem atividade profissional externa ao lar". Nessa pesquisa alguns participantes reconheceram que durante o casamento a mãe era mais responsável pelos cuidados dos filhos.

É importante considerar que a percepção que ainda prevalece na sociedade em geral, e entre os próprios pais, é que a escolha de assumir os cuidados dos filhos é incomum para os homens, e que eles não foram criados para fazer isso (Cohen, Finzi-Dottan & Tangir-Dotan, 2014). Assim, os homens têm dificuldade para encontrar potenciais modelos de referência, fazendo com que essas mudanças nos papéis de mãe e pai resultem em angústia e ansiedade por constituírem algo novo (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Parentalidade

O uso do termo parentalidade é recente (Barroso & Machado, 2010) e passou a ser utilizado no Brasil em 1980. No momento atual, o conceito vem sendo empregado para caracterizar o processo, que vai além do biológico, de tornar-se pai e mãe (Gorin, et al., 2015). A definição desse vocábulo é influenciada pelo contexto sociocultural, entretanto, existe algum consenso acerca dos papéis parentais, principalmente no que diz respeito à responsabilidade pela prestação de cuidados físicos e emocionais aos filhos (Borges, 2010). Assim, a parentalidade pode ser compreendida como um conjunto de deveres que são fundamentais para o desenvolvimento dos filhos, como a satisfação das necessidades econômicas e materiais, orientação e aconselhamento, exercício da autoridade, disponibilidade afetiva e compartilhamento de experiências do dia a dia (Grzybowski, 2011).

Para Hoghughi (2004) a parentalidade é definida a partir de um conjunto de atividades intencionais que objetivam assegurar a sobrevivência e desenvolvimento das crianças. O autor propõe um quadro conceitual da parentalidade embasado nos trabalhos de autores como Bronfenbrenner (1979), Belsky (1984) e Furstenberg (1985), que possibilita uma avaliação das práticas parentais em famílias individuais, assim como a construção de programas de apoio aos pais. Segundo esse modelo, os processos parentais podem se subdividir em atividades parentais (os elementos centrais necessários e suficientes da parentalidade), áreas funcionais (os principais aspectos do funcionamento da criança) e pré-requisitos (os recursos para se efetivar a atividade parental).

No que diz respeito às atividades parentais distinguem-se o cuidado, o controle e o desenvolvimento. Cada um desses grupos tem duas facetas: prevenir adversidades e quaisquer coisas que possam prejudicar a criança e promover situações positivas que possam ajudar o desenvolvimento (Hoghughi, 2004). No que concerne às áreas funcionais, destacam-se aquelas que requerem uma atenção parental: saúde física, saúde mental, comportamento social e funcionamento educacional e intelectual. Por último, Hoghughi (2004) ressalta que os pais precisam de recursos extensos e variados para realizar tarefas complexas que mudam de acordo com o contexto, se referindo ao conhecimento e a compreensão, a motivação, os recursos e a oportunidade.

Assim, haja vista a complexidade do exercício da parentalidade, estudar esse fenômeno no contexto da separação é relevante, uma vez que nessa situação toda a família passa por um processo de reorganização, o que acaba por influenciar o modo como os pais vão exercer sua parentalidade. Não obstante, nas palavras de Kostulski, Christofari, Bloss, Arpini e Paraboni (2017, p.107), “a parentalidade é importante para o desenvolvimento psíquico dos filhos, portanto as funções materna e paterna devem ser mantidas independente da dissolução conjugal”.

Parentalidade após o divórcio

O índice crescente, ao longo dos anos, do número de divórcios concedidos difunde uma progressiva mudança de comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitá-lo com maior naturalidade e a acessar os serviços de Justiça de modo a formalizar as dissoluções dos casamentos. Segundo as Estatísticas do Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2014), os registros de divórcio têm aumentado gradualmente, principalmente na última década. O primeiro registro em 1984 mostra que foram concedidos 30.847 divórcios no Brasil. Em 1994 houve 94.126 dissoluções, representando uma elevação de 205,1%. Em 2004, observou-se um aumento moderado, com 130.527 divórcios concedidos, evidenciando um acréscimo de 38,7% em relação à 1994; e, em 2014, foram realizados 341.181 assentamentos de divórcios, totalizando um crescimento de 161,4% em relação a 2004 (IBGE, 2014). Já em 2015 houve um decréscimo de 0,08% no número de divórcios em relação a 2014. (IBGE, 2014) Contudo, em 2016, o número de divórcios aumentou 4,7% em relação a 2015 (IBGE, 2016).

No contexto do divórcio ou separação a concepção de família se modifica fazendo com que os membros tenham que se adaptar a uma nova realidade. Assim, o exercício da parentalidade também passa por mudanças, sendo realizado de uma forma diferente da que acontecia quando os dois cuidadores coabitavam, uma vez que “existe uma série de reformulações quanto aos hábitos, à rotina e ao padrão econômico da família” (Grzybowski & Wagner, 2010, p.77).

Diante desse contexto, as famílias têm que passar por uma reorganização, sendo uma delas a escolha de quem vai ficar com os filhos (Schneebeli & Menandro, 2014). Apesar de existir a previsão da guarda paterna no ordenamento jurídico brasileiro, ainda são pouco comuns os casos nos quais as crianças permanecem com o pai após a ruptura conjugal (Denardi & Bottoli, 2017). No Brasil, de acordo com as estatísticas do registro civil de

divórcios levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 1984 até 2014, destaca-se a prevalência da hegemonia das mulheres pela guarda dos filhos após o divórcio. Em 1984, esse predomínio era de 78,9%, passando para 85,1% em 2014, valor este que já foi maior em 2004 (89,7%) e em 1994 (88,0%) (IBGE, 2014). E de acordo com as últimas estatísticas realizadas, a predominância das mulheres para exercer a guarda dos filhos foi de 78,8% em 2015, e 74,4% em 2016 (IBGE, 2015; IBGE, 2016).

O direito brasileiro, até o ano de 2008, utilizava amplamente a modalidade de guarda unilateral. De acordo com o Código Civil, esta modalidade é aquela conferida a somente um dos genitores ou alguém que o substitua (Brasil, 2002). Nesse caso, ao genitor não guardião resta o direito de visita e a supervisão dos interesses dos filhos, ficando o relacionamento com a prole limitado e restrito.

Entretanto, com as transformações das relações familiares começaram a surgir no Brasil vários movimentos de pais e mães separados, como o grupo de trabalho Pai Legal e a Associação de Pais e Mães Separados (APASE), que tiveram uma importante participação na promoção do debate nacional e reformulação do Código Civil acerca da guarda compartilhada. Essa mobilização provocou a apresentação de um projeto de lei visando à instituição dessa modalidade de guarda no sistema jurídico nacional (Grisard Filho, 2010).

A guarda compartilhada, prevista legalmente desde 13 de junho de 2008, com a aprovação da Lei 11.698, apesar de ainda ser uma situação incomum, tem crescido nos últimos anos, uma vez que a proporção de divórcios que finalizaram com esta modalidade de guarda foi 7,5% em 2014, superando os 2,7% ocorridos em 2004 (IBGE, 2014). Entre os anos 2015 e 2016, verificou-se um aumento na proporção de guarda compartilhada entre os cônjuges, 12,9% e 16,9%, respectivamente (IBGE, 2016).

Entretanto, a previsão da guarda compartilhada no ano de 2008 parece não ter sido o suficiente para reverter a situação de primazia da guarda unilateral, concedida principalmente

às mães. A alteração mais recente publicada em dezembro de 2014 pretendeu estabelecê-la como regra e não apenas uma possibilidade (Brasil, 2014). Ainda assim, essa modalidade ainda é pouco aceita pelos magistrados e por mães e pais, que ainda mantém o entendimento de que a mãe é a principal e única responsável.

Em estudo realizado com juízes e promotores de uma vara de família de uma cidade no sul do Brasil, Arpini, Cúnico e Alves (2016) constataram que a guarda compartilhada tem enfrentado resistências no âmbito judiciário. As autoras analisaram que ainda é um desafio a superação da visão da mãe como naturalmente melhor preparada para cuidar dos filhos e o reconhecimento de que o papel do pai pode ir além de provedor financeiro, possuindo também a capacidade para compartilhar a parentalidade.

Outra pesquisa realizada na cidade de Vitória (ES) analisou as representações sociais da guarda dos filhos após a ruptura conjugal, com 30 homens e mulheres que tinham filhos até 18 anos de idade (Schneebeli & Menandro, 2014). Os resultados indicaram que as representações sociais de maternidade e paternidade dos participantes que ainda atribuíam maior importância ao papel da mãe em detrimento do papel do pai, influenciavam a decisão sobre a guarda dos filhos após a separação.

A guarda compartilhada preconiza uma convivência dos filhos com os genitores de maneira mais equilibrada, entretanto, mesmo quando aplicada, a prática habitual ainda consiste na fixação da residência na casa materna e visitação quinzenal do genitor. Nesse contexto, o homem enfrenta dificuldades para exercer seu papel de pai, visto que, no Brasil, ainda se observa a predominância da mulher para exercer a guarda, o que muitas vezes resulta no afastamento do homem da vida dos filhos (Bottoli, 2010). Assim, após o divórcio, os pais são mais propensos a passar menos tempo com os filhos e o suporte e o controle providos por eles diminuem (Bastaits, Ponnet, & Mortelmans, 2012) e a guarda unilateral materna pode ser uma das causas do distanciamento entre pais e filhos após a separação (Brito, 2014).

Não obstante, é cada vez maior o número de pais que expressam seu desejo de continuar convivendo e participando da vida dos filhos, mesmo diante da ruptura conjugal. Assim, é comum, atualmente, que os pais recorram à justiça para terem preservado seu direito de convivência com os filhos, pois não querem mais assumir o papel de meros visitantes nos fins de semana. Os pais contemporâneos desejam participar ativamente, buscando além de um convívio mais amplo, colaborar com a educação, saúde, cuidados físicos, emocional e social e com o desenvolvimento dos filhos (Brito, Cardoso & Oliveira, 2010; Gabriel & Dias, 2011).

No estudo de Grzybowski (2007), no qual todas as mães investigadas possuíam a guarda dos filhos, ficou evidenciado o maior envolvimento materno após a separação, demonstrando que a coabitação está associada significativamente ao envolvimento parental. Ou seja, o fato do pai não residir com os filhos pode influenciar o exercício da parentalidade. Assim, a autora considerou que se o cenário fosse outro (guarda paterna) os resultados poderiam ser diferentes.

Já na investigação do exercício da paternidade em famílias pós-divórcio cujos pais detinham a guarda unilateral dos filhos, as pesquisadoras averiguaram que o exercício da paternidade e da guarda paterna se intensificou para os participantes após a separação (Isotton & Falcke, 2014b). Também se verificou uma desvinculação do modelo tradicional de paternidade, pois nesse estudo os homens compreendiam que podiam superar o desafio de criar os filhos próximos deles, do lar, da família, conciliando os cuidados parentais com a responsabilidade de provedor.

Em uma pesquisa sobre as crenças de pais e mães acerca do investimento parental realizada com 50 homens e 50 mulheres, com filho de até seis anos, tanto homem como mulheres indicaram valorizar e realizar mais o investimento emocional com seus filhos, do que cuidados básicos, investimento financeiro ou outras formas de investimento (Bandeira & Seidl-de-Moura, 2012). As autoras enfatizaram que os resultados indicaram uma maior

participação paterna, destacada pelo fato de que os pais investiam afetivamente nos filhos, estando emocionalmente mais ligados a eles.

Algumas pesquisas citadas por Cohen et al. (2014) compararam o funcionamento de pais e mães que tinham a guarda dos filhos, os autores mencionaram que os pais delegavam mais responsabilidades para os filhos e, ao mesmo tempo, desfrutavam de um maior respeito deles. Eles faziam maior uso de comportamentos parentais positivos, atribuindo menos peso à comportamentos de autoridade e preferiam ser percebidos como amigos dos seus filhos.

Em um estudo qualitativo realizado em Israel, tendo como participantes 20 pais divorciados que tinham a guarda dos filhos, na faixa etária de 30 a 60 anos, buscou-se conhecer a experiência dos pais, uma vez que nesse país em 92% dos divórcios a guarda dos filhos permanece com a mãe. Verificou-se que em nove casos a guarda paterna se deu por problemas psicológicos ou uso de álcool e outras drogas por parte das mães, seis pais reportaram que os próprios filhos tomaram a iniciativa (casos que envolviam irmãos mais velhos), em três casos a mãe solicitou que o pai assumisse a guarda e em apenas dois casos os pais iniciaram o processo para requerer a guarda devido a sua falta de confiança nos cuidados da mãe para com os filhos (Cohen et al., 2014). A pesquisa ainda mostrou que a experiência dos pais é uma luta constante em uma relação triangular que envolve o ex-cônjuge, os filhos e eles próprios, que eles se sentem impotentes por não conseguirem controlar o comportamento da mãe e nem garantir que os filhos continuarão com eles. Os resultados também apontaram que a experiência da parentalidade paterna é dinâmica e multifacetada e que, embora seja também um processo subjetivo e pessoal, não pode ser separada do contexto social e do meio.

É importante considerar que, com a reestruturação da família após a ruptura conjugal, o subsistema parental, embora sofra alterações, precisa ser preservado (Magalhães, 2007). A conjugalidade pode chegar ao fim, mas o vínculo parental permanecerá, devendo os pais partilhar a tarefa comum de educar os filhos. Na década de 1970 surgiu o termo

coparentalidade para se referir ao dever da continuidade dos cuidados em relação aos filhos, inicialmente focando o cuidado de cada genitor após o divórcio, atualmente envolvendo também o nível de interação que o ex-casal tem sobre as decisões relacionadas a seus filhos (Grzybowski, 2011).

As pesquisas em âmbito internacional têm demonstrado que o modo como a parentalidade é exercida após o divórcio interfere no bem-estar dos filhos. Bastaits, et al. (2012) constataram que ter um pai capaz de oferecer apoio foi benéfico para a autoestima das crianças nas diferentes estruturas familiares pesquisadas (pais não residentes, pais com a guarda compartilhada e pais casados). Esses autores concluíram que mesmo após o divórcio os pais têm a capacidade para elevar a autoestima das crianças.

Bastaits e Mortelmans (2016) investigaram o papel mediador de ambos os pais entre as várias estruturas familiares após o divórcio (mãe residentes solteiras ou recasadas, pais residentes solteiros ou recasados) e o bem-estar das crianças. Os pesquisadores analisaram 618 duplas de pai-filho, mãe-filho, sendo que 224 duplas ainda continuavam casadas e 394 tinham se divorciado, todas as crianças tinham contato com ambos os genitores. Os resultados revelaram que tanto a parentalidade materna quanto a paterna funcionavam como mediadores entre a estrutura familiar após o divórcio e o bem-estar das crianças. Assim, quando se trata do bem-estar das crianças, é importante que, mesmo após o divórcio, se considere o exercício da parentalidade de ambos os pais, e não somente de quem possui a guarda.

Um outro estudo exploratório realizado com quatro adultos, entre 25 e 40 anos, investigou a ausência paterna para além da infância e adolescência e identificou sentimentos e vivências sobre essa condição no momento de vida atual. Todos os participantes tinham em comum a percepção de ausência paterna, seja física ou afetiva. Os resultados mostraram que a ausência paterna causou nesses filhos o sentimento de ressentimento (Damiani & Colossi, 2015). As pesquisadoras também concluíram que o impacto desse distanciamento, seja físico

e/ou afetivo, repercutiu em sentimentos de desvalorização, abandono, solidão, insegurança, baixa autoestima, dificuldades de relacionamento iniciadas na infância e que continuavam interferindo na trajetória de desenvolvimento na idade adulta.

Borsa e Nunes (2011) destacam, contudo, que os estudos sobre o papel da mãe no desenvolvimento infantil são encontrados em maior quantidade quando comparado ao papel do pai, as autoras argumentam que esse resultado reflete o fato de que no imaginário social ainda se associa os cuidados das crianças às mulheres. Em um levantamento realizado pelas autoras em 2010, de artigos publicados na última década, constatou-se a existência de três vezes mais publicações acerca de mães e maternidade do que a respeito de pai e paternidade.

Em uma busca mais restrita realizada em início de 2017, para o trabalho aqui descrito, realizada nas plataformas Scielo, Pepsic e IndexPsi, buscou-se artigos nacionais dos últimos cinco anos, relacionando os termos parentalidade, paternidade e separação conjugal. Na busca foram encontrados apenas oito artigos. Entre estes verificou-se que apenas em um estudo os filhos estavam sob a guarda do pai (Isotton & Falcke, 2014a). Alguns dos estudos encontrados, a respeito do relacionamento entre pais e filhos após a separação, demonstraram que o desejo de participar mais da vida dos filhos é o sentimento mais significativo que emerge após a ruptura conjugal, pois a separação pode dificultar a convivência, interferindo muitas vezes no exercício da parentalidade (Cúnico & Arpini 2014; Souza, Smeha, & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012,).

O estudo de Cúnico e Arpini (2014) revelou uma busca pela ressignificação do papel do pai no contexto familiar, proporcionando uma paternidade mais afetiva. A pesquisa também evidenciou semelhanças na história familiar dos participantes em relação à experiência da paternidade, pois muitos pais demonstraram repetir situações que foram vivenciadas por eles com os próprios pais, com seus filhos.

Diante do exposto, percebe-se que algumas mudanças sociais, culturais, econômicas e também as transformações na instituição familiar ocorridas ao longo dos anos, despertaram uma nova percepção do papel do homem e da mulher em relação aos cuidados parentais. Contudo, verificou-se que, o exercício da parentalidade na contemporaneidade, enfatizando o papel do homem diante da paternidade, quando os filhos permanecem sob seus cuidados após a separação, é assunto ainda pouco estudado no âmbito nacional, visto que o número de publicações sobre esse tema na literatura consultada é reduzido. Possivelmente isso pode ser explicado pelo predomínio da mulher, durante muito tempo, como a principal responsável pela criação dos filhos e como a favorita para o exercício da guarda após a separação (Isotton & Falcke, 2014; Schneebeli & Menandro, 2014).

Considerando que a presença do pai é importante para o desenvolvimento infantil e que o distanciamento paterno pode trazer prejuízos emocionais que podem ter repercussão na vida adulta, é necessário compreender não somente a parentalidade paterna no contexto de separação conjugal, em que o exercício parental pode ficar prejudicado, mas também desvelar como o pai vem desempenhando o seu papel após a ruptura conjugal quando ele se torna o principal responsável pelo filho. Por se tratar de um papel que o pai vem assumindo recentemente, ainda prevalecem muitas dúvidas e incertezas vivenciadas pelo próprio pai, pela mãe e a sociedade em geral, que ainda não se desvinculou totalmente do modelo tradicional de paternidade e maternidade.

Assim, o objetivo do presente estudo é descrever como é experienciada a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal a partir da perspectiva do pai e dos filhos, investigando como essa situação está sendo vivenciada por ambos no cotidiano da família.

Teoria Bioecológica do Desenvolvimento

A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner fundamentará teoricamente o presente estudo. Essa teoria apresenta um modelo teórico analítico que possibilita abranger a complexidade dos fatores que compreendem o desenvolvimento humano, principalmente em relação ao desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e suas famílias (Rosa & Tudge, no prelo).

Na Teoria Bioecológica a família tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois é o contexto primário, compreendido como um microssistema, onde a maioria das crianças interage face a face com os outros membros, cada um com suas características pessoais, sendo essas interações frequentes e significativas denominadas processos proximais, interações que promovem o desenvolvimento (Rosa & Tudge; 2013).

Essa teoria sugere como modelo de estudo do desenvolvimento o "Modelo PPCT", que envolve a consideração de quatro elementos: processo, pessoa, contexto e tempo. O elemento processo se refere aos processos proximais que exercem um papel fundamental no desenvolvimento. Bronfenbrenner (1999) considera que esse conceito ocupa uma posição central em sua teoria e formula algumas proposições que definem as propriedades do modelo bioecológico. A primeira proposição descreve que:

> Especialmente em suas fases iniciais, mas também durante toda a vida, o desenvolvimento humano ocorre através de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexas entre um organismo biopsicossocial em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente imediato. Para ser eficaz, a interação deve ocorrer em uma base bastante regular, ao longo de períodos prolongados de tempo. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato são denominadas como processos proximais (Bronfenbrenner,1999, p. 5).

A segunda proposição considera que:

> A forma, o poder, o conteúdo, e direção dos processos proximais influenciam o desenvolvimento, variando sistematicamente como em função conjunta das características da pessoa em desenvolvimento, o contexto - tanto imediato como o mais-remoto - em que os processos estão a decorrer, a natureza dos resultados do desenvolvimento considerados; e as continuidades sociais e mudanças que ocorrem ao longo do tempo, durante o curso da vida e no período histórico o qual a pessoa tem vivido (Bronfenbrenner,1999, p. 5).

Dessa forma, processos proximais importantes e significativos podem ser estabelecidos na relação entre pais e filhos, considerando que essas interações ocorrem por um período de tempo duradouro e com regularidade tornando-se progressivamente mais complexas ao longo do tempo e do desenvolvimento dos indivíduos em interação.

Ainda de acordo com Bronfenbrenner e Morris (2006, p.798) o desenvolvimento efetivo dos processos proximais não é unidirecional; deve haver influência em ambas as direções, assim, para que uma relação seja considerada interpessoal, a iniciativa não pode vir apenas de um lado, deve haver um grau de reciprocidade na troca. Dessa forma, enfatiza a importância da bidirecionalidade da interação na construção de relações significativas entre a pessoa em desenvolvimento e outras pessoas presentes no microssistema do qual faz parte.

No segundo elemento do modelo, a pessoa, Bronfenbrenner e Morris (2006) apresentam três características: força, recurso, demanda. Os autores compreendem que tais características são capazes de influenciar a direção e o poder dos processos proximais denotando grande importância no curso do desenvolvimento. As características de força tanto podem favorecer ou impedir e dificultar o estabelecimento dos processos proximais. Como exemplos de características facilitadoras do desenvolvimento temos a curiosidade, a tendência para iniciar e se engajar em atividades sozinho ou com outras pessoas. As características que

poderiam funcionar como obstáculos incluem atributos como impulsividade, explosividade, e agressividade. Já os recursos constituem características biopsicossociais limitantes e facilitadoras que influenciam a capacidade do indivíduo para se engajar efetivamente nos processos proximais. Pode ser uma condição limitante a inabilidade ou inexperiência de pais em realizar alguns cuidados parentais com crianças pequenas. Em contrapartida, as condições facilitadoras dizem respeito a capacidades, conhecimentos, habilidades e experiências. Por fim, as características de demanda são qualidades da pessoa que encorajam ou desencorajaram reações do ambiente social que promovem ou interrompem a operação dos processos proximais. São exemplos: aparência física, características como idade, gênero e etnia.

Em relação ao contexto, Bronfenbrenner e Morris (2006) consideram que este elemento abrange quatro sistemas que se relacionam entre si: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O microssistema é conceituado por Bronfenbrenner (1979) como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais vivenciados pela pessoa em desenvolvimento em um determinado cenário com características físicas e materiais particulares, no qual ocorrem os processos proximais que impulsionam a pessoa ao desenvolvimento. Um microssistema de uma criança que reside com um dos genitores seria o lar paterno ou o lar materno, já para o genitor seria, a família, o trabalho. O mesossistema é a inter-relação de dois ou mais microssistemas nos quais a pessoa participa ativamente. Portanto, o mesossistema de um pai é o conjunto de espaços que interagem para favorecer o seu desenvolvimento. Um exemplo de mesossistema no divórcio seria a relação entre os genitores com seus filhos após a separação conjugal e a relação deles com a família extensa. Assim sendo, são dois microssistemas que se inter-relacionam, pois em muitos casos a família extensa oferece suporte ao genitor responsável pelos cuidados com a criança, após a ruptura do casal. O exossistema corresponde a ambientes que interferem indiretamente no indivíduo, ainda que ele não participe diretamente das interações que ocorrem nesses ambientes. No caso

de famílias divorciadas, um exossistema a ser considerado é a Vara da Família, as decisões do juiz e relatórios da equipe técnica relacionados à guarda dos filhos. O macrossistema envolve os demais sistemas e engloba as crenças, cultura e ideologias da sociedade, que variam especialmente de um país para outro, apresentando também particularidades regionais dentro de um mesmo país (Bronfenbrenner, 1979). No macrossistema situam-se os conceitos culturais do papel do pai e da mãe, de cuidados parentais, do que constitui uma família.

Relações contínuas e duradouras entre a criança e o responsável pelos cuidados influenciam a qualidade dos processos proximais e são fundamentais para que o exercício da parentalidade assegure o desenvolvimento da criança. Assim, para Bronfenbrenner e Morris (2006), o tempo apresenta três dimensões: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo é a continuidade versus a descontinuidade de episódios em andamento de processos proximais. Ou seja, o que está acontecendo durante determinada atividade ou interação (Tudge, 2008). O mesotempo é a periodicidade desses episódios em intervalo de tempo mais amplo, como dias e semanas e o macrotempo é descrito como focado nas expectativas de mudanças e eventos na sociedade, dentro e através de gerações, como afetam e são afetadas por processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo da vida (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Assim, as culturas não permanecem as mesmas, por exemplo, como se pode verificar, nos dias de hoje é mais comum encontrar famílias monoparentais chefiadas por homens e que são responsáveis pelos filhos.

Considerando as limitações deste estudo para abranger todos os elementos do modelo PPCT e as informações obtidas, a análise priorizou os processos proximais, por ser o principal componente do modelo e por ser fundamental na construção da relação entre pais e filhos, e o contexto, considerando a importância da família enquanto microssistema e a família extensa e a mãe biológica enquanto mesossistemas.

Objetivo Geral

Descrever como é experienciada a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal a partir da perspectiva do pai e dos filhos quando os filhos coabitam com o genitor.

Objetivos específicos

- Analisar como se deu a decisão em relação à residência dos filhos com o pai e o impacto dessa decisão na vida do pai.
- Descrever a rotina de cuidados e a relação ente pais e filhos do ponto de vista do pai considerando a vivência antes e depois da separação.
- Descrever a rotina de cuidados e a relação ente pais e filhos do ponto de vista do filho considerando a vivência antes e depois da separação.
- Destacar os desafios enfrentados pelo pai para exercer a parentalidade considerando a percepção do próprio pai e dos filhos.
- Analisar a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal tendo em vista os processos proximais que ocorrem no microssistema e alguns aspectos do mesossistema, considerando que são fatores promotores de desenvolvimento para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

2- Método

Delineamento da pesquisa

O presente trabalho consistiu em uma pesquisa qualitativa e de natureza descritiva, que teve como objetivo descrever as características da população estudada e compreender os significados atribuídos por ela ao fenômeno abordado neste estudo, a partir dos relatos extraídos por meio dos instrumentos utilizados (Creswell, 2007; Gil, 2009). A abordagem qualitativa tem como características o estudo de relações complexas através da compreensão do fenômeno em que o conhecimento sobre ele é construído considerando a subjetividade do sujeito (Günther, 2006).

Participantes

Participaram deste estudo, seis pares de pai e filho (a) que foram selecionados dentre famílias que possuíam um processo judicial relacionado à guarda dos filhos nas Varas de Família da Comarca de Vila Velha. Foi estabelecido como critério de inclusão que, pelo menos, um dos filhos, com idade entre 09 e 12 anos, estivesse sob a guarda de fato do pai, mesmo nos casos em que tal situação ainda não se encontrasse regulamentada judicialmente. Foram entrevistados ao todo seis pais com idades entre 31 e 35 anos e seis crianças com idade entre 09 e 11 anos (um menino e cinco meninas).

Optou-se por essas idades devido à possibilidade de os filhos, nessa fase, serem mais capazes de expressar adequadamente sua percepção acerca dos cuidados parentais. As crianças mais novas entendem que devem responder de acordo com a expectativa do adulto, além da dificuldade que podem apresentar na compreensão de algumas questões (Dessen, Silva & Dessen, 2011). Foram excluídos os pais cujos filhos sob sua responsabilidade tinham idade inferior ou superior a essa faixa etária e nos casos em que o pai tinha mais de um filho que se encaixava no critério considerou-se a participação apenas de um filho. A Tabela 1

detalha as características dos pais participantes e a Tabela 2 as características das crianças participantes.

Tabela 1

Características dos Pais Participantes

Pai	Renato	Mário	Arthur	Elias	João	Fernando
Idade	31 anos	35 anos	32 anos	32 anos	32 anos	35 anos
Estado Civil	Divorciado	União Estável	União Estável	Divorciado	União Estável	União Estável
Escolaridade	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Ensino Fundamental incompleto
Etnia	Negra	Amarela	Negra	Parda	Parda	Parda
Orientação Religiosa	Evangélico	Evangélico	Evangélico	Evangélico		
Ocupação	Porteiro	Autônomo	Analista de Rede	Policial Militar	Autônomo	Oficial de Manutenção
Renda Familiar (salários)	2	3	4	3	2,5	1,5
Separação	2012	2007	2011	2008	2010	2009
Recasamento	Não	Sim	Sim	Sim (separou novamente)	Sim	Sim
Idade dos filhos residentes	10 anos	05 e 10 anos	03,06, 09, 12 e 15 anos	10 anos	02, 08 e 11 anos	02 e 09 anos

Tabela 2

Características das Crianças Participantes

Criança	Amanda	Mel	Saulo	Helena	Juliana	Elisa
Idade	10 anos	10 anos	09 anos	10 anos	11 anos	09 anos
Escolaridade	5º.ano	4º.ano	4º.ano	4º.ano	6º.ano	4º.ano
Tempo que reside com o pai	05 anos	10 anos	06 anos	09 anos	05 anos	07 anos

Instrumentos

Com os pais foi utilizado um roteiro semi-estruturado de entrevista constituído por uma lista de perguntas ou tópicos que foram organizados pelo entrevistador, mas permitia que outros assuntos fossem abordados durante a entrevista (Dessen et al., 2011). O roteiro da entrevista foi construído baseando-se em investigações semelhantes sobre o tema da parentalidade após o divórcio (Borges, 2010; Bottoli, 2010; Isotton, 2011) e também considerando algumas questões que a pesquisa pretendeu examinar, relacionadas à forma como é experienciada a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal. Assim, o roteiro foi organizado considerando os seguintes temas: caracterização sócio-demográfica, características do exercício da parentalidade antes e após a separação, rotina e relação pai/filho(s), relação pai/mãe, participação de outros familiares nos cuidados com o(s) filho(s) e outros contextos (Apêndice I).

Foi também aplicado com os participantes o Instrumento para levantamento dos Contextos Ecológicos e suas inter-relações utilizado por Maretto (2015) que foi adaptado para o objetivo dessa pesquisa - adultos (Apêndice II) e crianças (Apêndice III). Por meio da identificação dos contextos mais significativos para os sujeitos, esse instrumento visa pesquisar o campo fenomenológico da pessoa tendo como base a teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner e outros instrumentos que representam a rede de relações dos indivíduos. Na aplicação com as crianças optou-se por incluir outras questões para complementação de informações que foram levantadas com os pais na entrevista, com o objetivo de não sobrecarregar as crianças com a aplicação de dois instrumentos diferentes.

O contexto central considerado foi “a casa do pai”, a partir do qual os outros contextos foram nomeados pelo participante que foram representados por círculos. Após a representação dos contextos, foram investigadas as relações presentes nos microssistemas indicados e o

mesossistema, levantando-se informações sobre as interinfluências entre os microssistemas, além de características pessoais que o participante considerou que afetava suas relações. O objetivo da aplicação desse instrumento foi ter mais um recurso para avaliar as relações no contexto da família, no espaço de residência dos filhos e as inter-relações desse contexto com os outros que faziam parte do cotidiano da criança e do pai, e que poderiam afetar a relação entre eles.

Procedimento de Coleta de Dados

Uma carta foi enviada ao Diretor do Fórum da Comarca de Vila Velha solicitando a autorização para a realização da pesquisa tendo a Central de Apoio Multidisciplinar como o setor mediador para o acesso da pesquisadora aos casos em que as crianças se encontravam sob a guarda de fato do genitor (Apêndice IV). Após a aprovação do Comitê de Ética e a autorização do Diretor do Fórum a pesquisadora entrou em contato com as famílias indicadas pelos profissionais da Central de Apoio Multidisciplinar a fim de localizar os participantes que preenchiam todos os critérios de inclusão. Com o levantamento realizado algumas famílias foram selecionadas e apresentadas à metodologia e aos objetivos da pesquisa e então convidadas a participar. Solicitou-se a participação tanto do pai, quanto do filho (a), informando acerca do sigilo das informações e da proteção da identidade dos sujeitos.

Assim, após a concordância para a participação na pesquisa, foi marcado um encontro em local e horário de conveniência do participante, o próprio Fórum ou a residência do participante. Nas entrevistas realizadas no Fórum de Vila Velha utilizou-se o espaço da Central de Apoio Multidisciplinar que dispõe de salas individuais de atendimento, e naquelas realizadas na residência dos participantes utilizou-se o espaço disponibilizado por eles. Cada entrevista teve a duração média de 60 minutos. Em alguns casos a aplicação do instrumento ocorreu no mesmo dia, em outros a aplicação ocorreu em dia diferente da entrevista, de

acordo com a preferência dos participantes. A aplicação do instrumento durou de 40 a 60 minutos.

Aspectos éticos

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo sob o número 78663617.0.0000.5542 e a pesquisa foi realizada de acordo com as normas que regulamentam as pesquisas com seres humanos.

A pesquisa teve como participantes diretos pais e crianças na faixa etária de 09 e 11 anos que se encontravam residindo com o genitor após a separação dos pais e contribuíram de forma voluntária com o trabalho, mediante a assinatura dos Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, bem como considerando também a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável (Apêndice V e Apêndice VI). Salienta-se que o presente trabalho seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde Resolução 510/2016 (Brasil, 2016), dentre os quais oferece proteção à identidade dos sujeitos, bem como garantias de anonimato e sigilo quanto ao uso das informações prestadas. Dessa forma, os nomes dos sujeitos utilizados na análise de dados do trabalho são fictícios e os dados aproveitados exclusivamente para fins acadêmicos.

Em função dos conteúdos abordados na entrevista a pesquisadora se colocou à disposição dos participantes para interromper a entrevista ou a aplicação do instrumento a qualquer momento e oferecer escuta a sua demanda.

Análise e interpretação dos dados

As entrevistas com o roteiro semiestruturado e com o Instrumento para levantamento dos Contextos Ecológicos foram gravadas e posteriormente transcritas. O material inicialmente foi organizado separadamente e os dados brutos foram analisados e interpretados

utilizando-se a técnica de análise de conteúdo que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 1977). Segundo a autora, o procedimento de Análise de Conteúdo refere-se a:

> [...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p.26).

Dessa forma, Bardin (1977) prevê algumas fases fundamentais, em um primeiro momento realizou-se uma pré-análise do material que foi examinado a partir da leitura de todas as entrevistas transcritas buscando alcançar de uma forma mais geral as ideias principais e os seus significados, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Posteriormente, na exploração do material, realizou-se uma análise mais detalhada na qual foram escolhidas as unidades de codificação (grupo de elementos com características comuns de acordo com o tema) e categorização, nessa etapa os dados dos dois instrumentos aplicados com os pais foram agrupados de forma que as informações obtidas a partir das entrevistas fossem complementadas pelas informações levantadas no instrumento de levantamento dos contextos. Na categorização dos conteúdos foram considerados os temas de maior importância para a discussão a fim de responder aos objetivos do estudo. Com as categorias definidas foram identificados os trechos dos relatos dos participantes que atendiam aos objetivos da pesquisa. Primeiramente esse agrupamento foi realizado com os dados dos pais e depois com os dados dos filhos, para então fazer a comparação dos dados dos dois grupos de participantes.

Ressalta-se que os dados relativos à definição de paternidade, à vivência da parentalidade após a separação, aos principais desafios enfrentados, à avaliação que as mães

biológicas fazem sobre os cuidados paternos, foram coletados somente com os pais, não sendo possível a comparação com o ponto de vista das crianças.

As seguintes categorias foram organizadas a partir da análise: ser pai, a parentalidade após a separação e os impactos na rotina, como as crianças foram morar com o pai e o que mudou na relação, cuidados com os filhos, limites e controle, atividades que realizam juntos, relacionamento pais e filhos, principais desafios, participação da mãe biológica na vida dos filhos, avaliação que as mães biológicas fazem sobre os cuidados dos pais.

Para finalizar, os dados também foram interpretados a luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, buscando-se considerar alguns dos elementos presentes no modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), como os processos proximais e o contexto.

3- Resultados

Serão apresentadas as informações dos participantes de cada família entrevistada, alguns detalhes acerca da separação/divórcio e como se deu a decisão da residência da criança. Todas as famílias entrevistadas tinham em comum o fato de os filhos, durante a realização da pesquisa, estarem residindo com os pais após a separação.

Família 1- Renato e Amanda

Renato, quando entrevistado, tinha 31 anos, era porteiro e morava com a filha Amanda de dez anos de idade, em uma casa própria. Ao longo da entrevista expressou, em diferentes momentos, que a religião evangélica e Deus eram importantes em sua vida e orientavam suas práticas. Ele relacionou-se por aproximadamente seis anos com Pâmela, mãe biológica da filha. Segundo Renato, eles viveram em união estável por seis anos e já tinham a filha quando decidiram oficializar o casamento na instituição religiosa que frequentavam. O participante relatou, contudo, que, após sete meses do casamento, Pâmela revelou que não queria mais estar casada nem frequentar a igreja, que queria “viver a vida dela”. Renato informou que eles conversaram e decidiram pela separação. Ressaltou que na época da ruptura conjugal a filha tinha aproximadamente cinco anos e a genitora saiu de casa e deixou Amanda aos cuidados dele. Assim, Renato se viu obrigado a assumir a filha sozinho. Ela estava sob sua responsabilidade havia cinco anos. No momento da pesquisa Amanda convivia com sua mãe em fins de semana alternados.

Família 2- Mário e Mel

Mário tinha 35 anos, no momento da entrevista, e trabalhava como autônomo em um trailer de lanches de sua propriedade. Mel tinha nove anos de idade e morava com Mário, a esposa do pai, Luana, e sua irmã Laís de cinco anos. O pai declarou que teve um namoro de aproximadamente três meses com Priscila, a mãe biológica de Mel. Logo depois da separação iniciou novo relacionamento com Luana, a atual esposa, com quem, na época da entrevista,

tinha uma relação estável de dez anos e outra filha, Laís. Após um tempo, foi informado por Priscila que ela estava grávida. Na época, mesmo sem ter certeza de sua paternidade, ele ofereceu apoio e suporte durante a gestação. Quando o bebê nasceu foi realizado o exame de DNA que confirmou a paternidade. Mário visitava a filha na casa da mãe até tomar conhecimento por alguns amigos em comum de que Priscila fazia festas e usava drogas em sua casa, na presença da filha. Assim, em busca de proteger a integridade da criança, na época, com apenas cinco meses de idade, Mário foi até a casa da mãe e pegou a filha com o objetivo de assumir os cuidados, sendo que na ocasião Priscila não se opôs. Desde então Mel reside com o pai. No momento da pesquisa, Mel tinha contato esporádico com a mãe na casa da avó materna.

Família 3- Arthur e Saulo

Arthur era analista de rede, na época da entrevista, e tinha 32 anos. Saulo tinha nove anos, morava há cinco anos com o pai, a madrasta e os irmãos. O casamento com a mãe de Saulo durou 10 anos e ao todo tiveram quatro filhos: Antônio, atualmente com 15 anos; Mariana,12 anos; Saulo, 09 anos e Marcos, 06 anos. A separação ocorreu no ano de 2011 e inicialmente os filhos permaneceram com a mãe. Entretanto, Arthur considerou que a mãe não estava cuidando de forma adequada dos filhos e ingressou com a ação judicial para obtenção da guarda. Na audiência do divórcio a mãe disse que estava com dificuldade de cuidar dos filhos devido a sua carga horária de trabalho e concordou em deixar as crianças com o pai. Na época em que buscou os filhos, Arthur já estava em outro relacionamento com Diana, 26 anos, que o apoiou em sua decisão de ter os filhos consigo e com quem tem outra filha, Verônica, de 03 anos. Quando a pesquisa foi realizada, Saulo convivia com a mãe em fins de semana alternados.

Família 4- Elias e Helena

Elias, quando entrevistado, tinha 31 anos, era policial militar e estava residindo com a filha Helena, 10 anos de idade, na casa de seus pais. Helena estava sob seus cuidados há aproximadamente oito anos. O pai contou que teve um relacionamento durante oito anos, com rompimentos e retornos, com Gabriele, mãe de Helena. Os rompimentos ocorreram principalmente porque ela começou a fazer uso de drogas. Em um dos términos a genitora teve um relacionamento com um traficante e ficou grávida, o pai biológico não quis assumir a criança. Um tempo depois Elias retomou o relacionamento com Gabriele e registrou essa criança como sua filha, Ana Maria, de 11 anos. Logo depois casaram no civil e tiveram outra filha, Helena, atualmente com 10 anos de idade. O casamento durou pouco tempo e quando Helena tinha apenas um ano eles se separaram. Após a separação, as filhas ficaram com a mãe por dois meses, porém em função de uso intenso de drogas por Gabriele, a filha mais nova, Helena foi devolvida ao pai, enquanto Ana Maria permaneceu com a avó materna. Elias ingressou com ação judicial para obter a guarda das filhas e nesse período Helena residiu com a avó paterna. Por decisão judicial conseguiu a guarda de ambas as filhas e elas foram morar com ele, com Paula, sua nova esposa na época, e seus dois filhos. No período em que foi entrevistado Elias havia se separado de Paula e estava morando com a filha Helena na casa dos pais e Ana Maria havia retornado para a casa da avó materna. Helena tinha contato esporádico com a mãe na casa da avó materna.

Família 5- João e Juliana

João tinha 32 anos na época da entrevista, era autônomo. Juliana tinha 11 anos, vivia com o pai, a madrasta e seus irmãos. O relacionamento com a mãe de Juliana, Liliane, durou aproximadamente três anos, com ela ele teve dois filhos, Juliana e Alex, de 08 anos. Após a separação os filhos permaneceram com a mãe e ele foi morar em outro país durante um ano. Ao retornar, em 2012, a mãe permitiu que os filhos ficassem um tempo com ele, dizendo que

iria viajar para visitar parentes. Entretanto, a genitora não retornou mais e não se comunicou para informar onde estava. No período de cinco anos, Liliane voltou para ver os filhos duas vezes e hoje o pai tem conhecimento de que ela mora em outro estado. João, no período da entrevista, vivia uma união estável com Amanda, de 26 anos, com quem teve outro filho, Daniel, que estava com dois anos. Juliana não tinha nenhum tipo de contato com a mãe.

Família 6- Fernando e Elisa

Fernando tinha 35 anos na época da entrevista. Ele sstava desempregado e fazia apenas alguns trabalhos esporádicos para complementar a renda familiar. Elisa tinha 09 anos, morava com o pai, a madrasta e a irmã. Fernando foi casado com a mãe de Elisa por aproximadamente cinco anos. A separação ocorreu quando a genitora viajou para outro Estado com a justificativa de que visitaria sua mãe, porém não retornou da viagem. A filha tinha aproximadamente um ano de idade. Ao perceber que a genitora tinha mudado de Estado ele ingressou com ação na justiça requerendo a guarda da filha e interrompeu a ajuda financeira. Entretanto, como a mãe de Elisa dependia desse recurso, retornou e entregou a filha para que Fernando cuidasse. Elisa tinha aproximadamente um ano e meio e desde então está sob os cuidados do pai. Atualmente Fernando tem uma união estável com Sônia, 36 anos, que é técnica de enfermagem e com quem tem uma filha, Fernanda, de 02 anos de idade. No momento da entrevista, Elisa tinha pouco contato com sua genitora.

A seguir serão apresentados os resultados das entrevistas que foram organizados a partir das categorias temáticas. Destaca-se que os resultados serão apresentados sob as perspectivas dos pais e dos filhos, a fim de que seja possível compreender os diferentes pontos de vista dos membros das famílias que foram entrevistados. Contudo, alguns temas como aqueles relacionados a ser pai, a parentalidade após a separação e os impactos na rotina, os desafios enfrentados após assumirem os cuidados dos filhos, e a avaliação que as mães

biológicas fazem dos cuidados dos pais, foram abordados apenas com os genitores, tendo, portanto, somente a perspectiva dos pais.

Ser pai

Perspectiva dos pais

Os homens participantes deste estudo avaliaram que ser pai era uma experiência impactante e positiva. Expressões como “é muito bom”, “um presente de Deus”, “é tudo” foram utilizadas por mais de um participante para descrever o que é ser pai. Relatos a respeito da função que eles acreditavam que o pai deveria ter na vida de um filho, também foram utilizados para explicar o que é ser pai. Servir de modelo, ser exemplo e referência, buscar melhorar para proporcionar segurança e um futuro melhor para os filhos, dar educação, se dedicar e conviver com os filhos foram aspectos abordados pelos entrevistados. Alguns participantes utilizaram as referências que tiveram com seus próprios pais para explicar como entendiam seu papel junto aos filhos. Ressaltando o impacto que os filhos tiveram em suas vidas, dois pais ainda consideraram que ser pai “é igual ser uma mãe”, ou que era tão significativo para o pai quanto era para a mãe.

> [...] Ser pai é o maior presente de Deus que tem na vida de um... Tanto pai como mãe, né. Porque filho é uma coisa abençoada de Deus... O dia pode ser difícil, o que for. O trabalho, o que for. Mas se você chegar em casa e tiver seu filho ali, tudo passa. Você começa a brincar, descontrair... Você vê que aquilo que você passou lá, tem que ficar lá, porque o convívio com os filhos é fundamental. Muito bom ser pai. (Fernando)

> [...] Ser pai pra mim é… Eu acredito que seja servir de exemplo, assim.... Na verdade, tem uma coisa que aprendi com o meu pai, que é... a única coisa que ele pôde deixar pra mim é educação, então basicamente é isso que eu acho que é ser pai. Dar educação, para que a pessoa possa ser… Ter uma base quando crescer assim, ter limites. (Arthur)

Os pais também consideraram que a paternidade proporcionou uma mudança pessoal que exigiu deles maior responsabilidade, principalmente em relação a ter um trabalho para sustentar os filhos. Avaliaram que o fato de terem se tornado pais fez com que suas preocupações se voltassem prioritariamente para seus filhos. Em função do cuidado concluíram que era necessário mudar muitos comportamentos que eles tinham antes da paternidade, como sair constantemente para beber com amigos, frequentar baladas e não ter um emprego fixo.

> […] Eu acho que se hoje eu não tivesse filho, talvez eu pensaria em sair, em passear, curtir, mas eu tive filho cedo, então eu… minha vida gira em torno deles. (Elias)
>
> [...]Depois que os meus filhos nasceram, eu tive uma visão bem diferente do mundo, […] porque antes, eu vou dizer que eu não tinha responsabilidade nenhuma. E aí muito das coisas que eu fazia, eu parei de fazer, porque eu comecei a ter mais medo de tudo. Porque eu vi que tinha um alguém que dependia de mim, entende? […] Vamos dizer que eu passei de um extremo irresponsável para um extremo responsável. (João)

Quando questionados sobre como se avaliavam no exercício da paternidade os pais levantaram aspectos positivos e consideraram que se esforçaram para estarem presentes, desenvolverem a autoestima do filho, oferecer atividades de lazer e dar segurança e proteção aos filhos por meio das práticas educativas e da segurança material. Eles citaram também que se consideravam bons pais por suas características e ações, tendo citado: ser tranquilo, valorizar o diálogo, evitar punições físicas, não ter vícios e fazer tudo que estava ao alcance para os filhos. Todavia, a maioria dos participantes também avaliou que tinha falhas e expressou o desejo de serem pais melhores. Entre o que gostariam de mudar eles apontaram cobrar mais dos filhos, impondo regras e limites com mais facilidade, e poder garantir mais a presença e a atenção do que proporcionar bens materiais.

A questão do tempo investido com os filhos retornou em diferentes momentos da entrevista, dois dos participantes refletiram que, algumas vezes, tentavam suprir sua ausência com coisas materiais, mas confirmaram que percebiam que essas coisas não substituíam a presença física. Um dos pais fez essa análise lembrando-se dos próprios sentimentos em relação a seu pai. Revelou que dos presentes que ele ganhou do seu genitor ele se lembrava de apenas alguns, mas as melhores lembranças se referiam aos momentos que eles compartilharam, brincando e se divertindo. Outro pai relatou que seu objetivo era conciliar as duas coisas, ter tempo com a filha e poder oferecer a ela uma boa condição financeira.

> [...] Um pai bom, que gostaria muito de ser ótimo. Mas...o que que falta pra ser ótimo… essa é uma boa pergunta… o meu erro as vezes é querer dar algo que material, e as vezes, eu perco um pouco de tempo para dar uma atenção maior, é o que falta pra mim hoje, é tentar juntar os dois. (Elias)

> [...] Eu não quero ser prepotente nem orgulhoso com respeito a isso, mas eu acho que pai, como eu, acho que é difícil. [...] O que eu posso fazer pras minhas filhas... Eu tento fazer de tudo pra elas... Se elas quer comprar bala, eu pego dinheiro, vou lá e compro. Então eu me considero um pai nota dez, porque eu sou muito tranquilo. (Fernando)

Um dos participantes comparou o exercício de sua paternidade com a de seu pai, se identificando com muitas atitudes que o seu genitor tinha e que ele repetia com seus filhos. Expôs que tinha consciência que ele reproduzia tanto os comportamentos bons, como querer proporcionar um estudo de qualidade, quanto aqueles que ele considerava ruins, como a falta de tempo para estar com as crianças.

> [...] Eu acho que eu sou basicamente assim, o reflexo do meu pai...Ele sempre trabalhou viajando, [...]. A única coisa que podia deixar pra gente era educação. Então sempre procurou que a gente tivesse um bom estudo, [...] uma boa educação... Então

> pagou escola pra gente, inglês, essas coisas assim... Mas tempo presente com meu pai eu tive pouco. (Arthur)

Outro participante expressou sua dificuldade em sentir-se totalmente satisfeito como pai, demonstrando uma auto cobrança excessiva em relação à paternidade, já que ele sentia que sempre estava faltando algo. Em sua percepção o que ele queria dar ele não conseguia, por falta de tempo e/ou dinheiro.

A parentalidade após a separação e os impactos na rotina

Perspectiva dos pais

Os participantes relataram ter experienciado a parentalidade após a separação como um período de maior responsabilidade e relataram que, a partir do momento que assumiram os cuidados, a prioridade passou a ser os filhos. Entre as preocupações dos participantes, a partir do momento que os filhos foram residir com eles, foram indicadas a questão financeira, suprir a ausência materna e ter mais tempo para dar mais atenção aos filhos.

> [...] A gente cria uma responsabilidade, você entendeu? Tem que entrar dinheiro em casa, tem que ter dinheiro em casa, na época eu tinha que ter, ora. Tem que trabalhar... Tem que se virar... Tem que entrar dinheiro em casa. Muda isso. Muda a vida da pessoa, a rotina... Talvez você tem uma rotina sem preocupação, sem... Tipo assim, filho... Filho agora é prioridade. (Mário)

> [...] Eu acho que a minha preocupação ficou maior...o fato de eu ter que tentar é...suprir a necessidade da mãe [...].(Elias)

A maioria dos pais mencionou que possuía uma carga extensa de trabalho, que possivelmente eles não teriam se não tivessem filhos. Um dos participantes relatou ter voltado para faculdade para servir de exemplo e para proporcionar condições melhores para a família.

Outro pai pontuou que houve também mudanças em sua vida afetiva. Disse que priorizava mais sua filha do que ter um relacionamento afetivo e que por isso ele não havia se

casado novamente, pois pensava muito antes de iniciar um relacionamento. Em sua percepção a companheira ideal teria que se adaptar ao jeito de ser da filha para que pudessem conviver em harmonia. Esse participante também expôs que outra grande transformação em sua vida foi a busca por uma religião para ajudá-lo a se tornar uma pessoa melhor e mais responsável.

> […] Hoje em dia eu penso duas vezes antes de arrumar alguém devido a ela porque tem que tipo combinar com ela... se for uma coisa ao contrário dela e eu sei que não vai dar certo nem para mim nem para ela e nem para a futura ...aí até hoje...já tem cinco anos que eu tô nesse objetivo aí. (Renato)

> [...] Se eu não tivesse eles, hoje eu posso dizer que não sei nem se eu estaria estudando, porque assim uma das coisas que eu voltei pra faculdade […] é por causa deles. (Arthur)

Os pais também expressaram o quanto o afastamento da mãe naquele período afetou os filhos emocionalmente e que eles tentaram suprir a ausência da genitora se aproximando mais das crianças, participando das atividades diárias dos filhos, oferecendo mais atenção, proporcionando atividades de lazer nos fins de semana.

> [...] É que me aproximou ainda mais dos meus filhos, essa... Esse distanciamento da mãe... Mas assim, eu não vejo que me prejudicou... Lógico prejudicou as crianças, porque eles tiveram a perda, querendo ou não eles perderam quem eles viam como…Vamos dizer, como a base deles, que foi a mãe.(João)

> [...] Porque eu vi que ela sentiu muito, ficou triste né, e aquela coisa toda... Aí a minha iniciativa foi de dar total atenção a ela... Total atenção. (Fernando)

Entre as situações que causaram maior impacto quando os filhos foram morar com os pais alguns dos participantes citaram a reorganização da rotina e do espaço, a responsabilização pelos cuidados da criança que exigiu que fizessem tarefas que antes não realizavam. Um pai relatou que morava com sua mãe e adaptou o seu quarto e a casa para

receber a filha e que sua namorada que era recente também foi morar com ele para ajudar nos cuidados. Outro participante contou sobre sua inexperiência em cuidar de criança e que foi algo novo para ele, já que, no seu entendimento, normalmente o pai é quem sai para trabalhar e os cuidados como alimentação, banho, troca de fraldas geralmente são realizados pela mãe. Dessa forma, quando a filha passou a morar com ele, enfatizou que sua grande apoiadora foi sua genitora. Contudo, revelou que, mesmo com a ajuda de sua mãe, ele escolheu abrir mão do seu trabalho para se dedicar integralmente aos cuidados da filha.

> [...] Aí eu abri mão... Como eu abri mão da oficina né... Então... Aí eu me dediquei mais a Elisa. Quando aparecia algum serviço por fora, algum extra, vamos dizer assim […]. Eu fiquei acho que um ano e meio a dois anos (sem trabalhar). (Fernando)

Outro participante comparou a sua rotina após a separação, antes e depois dos filhos irem morar com ele, expondo que logo após a ruptura conjugal sentiu uma liberdade momentânea, uma sensação de menor responsabilidade, considerando que inicialmente os filhos permaneceram com a mãe. No entanto, quando os filhos passaram a morar com ele percebeu que a prioridade se voltou para atender às necessidades dos filhos e não as suas, passando a realizar tarefas de cuidado.

> [...] Aí minha prioridade mudou. Depois que eles vieram morar comigo, quando eu chegava em casa... Eu tenho que dar mais atenção pra eles, tenho que ajudar a cuidar deles né [...] Eu já tinha que preparar uma janta, ajudar a fazer alguma coisa pra poder dar comida a eles, colocar eles pra dormir. (João)

Como as crianças foram morar com o pai e o que mudou na relação

Perspectiva dos pais

Os pontos de vista dos pais acerca de como os filhos foram residir com eles já foram relatados de forma mais detalhada na descrição dos casos. Resumidamente, para quase todos os pais dessa pesquisa assumir o filho não foi considerada a primeira opção após a separação.

Verificou-se que, uma vez que as próprias mães abandonaram ou eram usuárias de drogas, não estando aptas a cuidar dos filhos, os pais se viram obrigados a assumir os cuidados. Apenas dois participantes ingressaram com ação de guarda logo após a separação.

Perspectiva dos filhos

Quase todas as crianças contaram a sua própria versão de porque e como elas achavam que foram morar com o pai, mesmo aquelas que ainda eram muito pequenas. Apenas uma delas relatou que não sabia e depois disse que achava que foi porque ela quis. Uma criança expressou que foi morar com o genitor por vontade própria, pois na época ela não gostava muito da mãe.

Duas crianças se lembraram de quando participaram do estudo realizado no Fórum. Uma delas mencionou que na época disse para as profissionais que queria morar com o pai. Relatou ainda que, na audiência com a juíza, a mãe teria dito que não tinha condições de ficar com a filha e por isso "deixou pra lá".

Três crianças explicaram que a história que sabiam foi contada ou pelo pai ou por familiares. Todas as histórias repassadas a essas crianças falavam sobre o abandono da mãe. A declaração de Juliana expressa essa análise:

> [...] Pelo o que falam a Liliane me deixou na casa da minha tia, saiu e não voltou mais... pelo o que falam.

Algumas crianças reproduziram as histórias contadas com riqueza de detalhes, expressando o discurso e o comportamento da mãe na ocasião.

> [...] Aí ela fechou as malas, ela foi ali no portão, nem olhou pra mim e saiu, foi embora... Aí né uns dias eu chorando e meu pai cuidando de mim. Minha avó falou assim que quando ela se foi, ela chegou ali na janela e falou "Dona Elza, to indo embora, vou deixar a Elisa com vocês, porque vocês têm condições de cuidar dela". (Elisa)

Em relação às mudanças que ocorreram na relação com o pai após terem ido morar com ele, três crianças responderam que nada havia mudado e uma delas expressou que o pai continuava sendo o melhor pai de sempre. Outras crianças descreveram melhor a convivência, expressando ter mais proximidade e afeto pelo pai, mais tempo juntos, mais liberdade para brincar do que quando estavam na casa dos avós e também que houve o impacto da convivência com as novas parceiras dos pais. Uma das crianças revelou que o fato de ter ido morar com o pai mudou o jeito dela, exemplificou dizendo que passou a comer feijão com o grão e não só o caldo, revelando a seguir que a madrasta a forçava a comer tudo.

Uma das crianças expôs as mudanças que ocorreram com o pai, que antes bebia e saia à noite, trazendo preocupações para a família, e que depois que ela passou a residir com ele, ficou mais caseiro e controlado. Ela considerou que após ter ido morar na mesma casa que o pai, ela não só se sentiu mais amada e cuidada como também percebeu que o amor dela pelo pai se fortaleceu. Contou que ficaram mais próximos e que eles tinham mais momentos para fazer atividades juntos.

> [..] A gente fica mais junto, a gente brinca mais, a gente vê TV juntos, a gente sai juntos. (Mel)

Cuidados com os filhos

Perspectiva dos pais

Em relação à rotina de cuidados durante o casamento a maioria dos pais relatou que se dividia entre trabalhar e dar atenção aos filhos, todavia, devido à carga extensa de trabalho as crianças passavam mais tempo sob os cuidados da mãe. Esses pais relataram que o tempo que tinham para interagir com os filhos e dar atenção era limitado aos fins de semana.

> [...] Eu ajudava mais final de semana, porque durante a semana meu horário era bem extenso [...] Enquanto eu morava com a mãe dela, ela ficava o dia todo com a mãe. Com exceção de quando ela passou a ir pra escola. (João)

Em um dos casos a genitora também trabalhava e por isso os cuidados dos filhos eram realizados com o apoio da avó paterna. Dessa forma pai e mãe se dividiam de acordo com a disponibilidade de cada um.

> [...] Ah quem tá mais livre faz certo tipo de coisa com as crianças. (Arthur).

Somente um participante expôs que a mãe, mesmo estando em casa durante todo o dia com a criança, não realizava os cuidados da filha da forma que ele considerava adequada. Dessa forma, ao chegar do trabalho ele precisava realizar os cuidados com a criança, como dar banho, dar comida e trocar a fralda e até algumas tarefas domésticas.

> [...] A mãe da Elisa nunca foi aquela mulher de se organizar ou de ser uma mulher compromissada com tais tarefa, ela nunca foi né [...] Tanto é que eu tinha que lavar roupa, fazer comida pra criança... Eu fazia tudo. Trabalhava o dia inteiro. (Fernando)

A rotina de cuidados depois da separação desde o momento que assumiram os filhos também foi compartilhada com outras pessoas: cuidadora, madrasta e/ou familiares. Os pais relataram que sem o apoio de terceiros seria difícil conciliar a rotina de trabalho com os cuidados dos filhos. Em nenhum dos casos o pai assumiu a criança sem algum tipo de apoio, e, muitas vezes, eles só aceitaram essa responsabilidade por saberem que teriam suporte.

> [...] O que me ajudou muito foi minha esposa e minha mãe, entendeu? Se eu tivesse sozinho, sem minha esposa... Sem namorada, igual minha esposa era, e sem minha mãe, eu não ia pegar... Como é que eu ia pegar? Pra mim sozinho criar? Como é que eu ia criar ela e trabalhar? O que me ajudou foi minha mãe e minha esposa.[...] Foram fundamental. Foi tudo, foi tudo. Se não fosse elas como é que eu ia fazer? (Mário)

Como já mencionado, um dos pais havia guardado dinheiro e abriu mão do emprego fixo para se dedicar aos cuidados da filha, por um período de dois anos aproximadamente, mas ele também contou com a ajuda de sua mãe e posteriormente de sua nova esposa.

Somente um dos participantes não se casou novamente e por isso ele ainda encontrava dificuldades em conciliar sua rotina de trabalho com os cuidados da filha. Inicialmente, logo após a separação, ele percebeu que ele não podia contar com a ajuda de seus familiares e se viu sem nenhuma rede de apoio. Assim, quando a criança era pequena, precisou pagar uma cuidadora, uma prima e até a avó materna para ajudá-lo. Entretanto, como a criança, na época da entrevista, já estava com 10 anos de idade, ele passou a deixá-la sozinha durante a tarde.

> [...] Chegou um tempo que eu vi que eu não tinha irmãos pra me ajudar... minha mãe... Eu questiono isso até hoje que eu dei o nome da minha mãe e o nome da minha ex sogra para minha filha […] a menina tem o nome delas e elas não participam... entendeu? Me ajudam em nada...quando a mãe saiu parecia que foi... todo mundo abandonou... ficou eu e a menina. [...] Hoje por ela ter 10 anos já levo ela para escola ela volta sozinha eu dou esse voto de confiança pra ela. E ela fica o período da tarde sozinha em casa. (Renato)

Os outros cinco participantes se casaram novamente logo após a separação, um deles, contudo, se separou de novo. Eles reconheceram que o apoio da nova companheira foi e continuava fundamental. Esses pais relataram que as esposas realizavam muitos dos cuidados com os seus filhos. Um dos pais expôs que o fato de poder contar com a esposa trazia uma percepção de que podia ter uma responsabilidade menor, fazendo com que se sentisse mais relaxado, pois sabia que tinha outra pessoa que também estava presente para os filhos.

> [...] Aì eu acho que o papel dela é... Pra mim hoje é de suma importância, que nem eu te disse, que às vezes eu acho que ela faz o papel da mãe, do pai, que era pra eu ou a mãe deles tá fazendo. (Arthur)

Uma das situações de maior participação dos pais era na rotina que envolvia a escola. Os pais estavam presentes, seja levando e buscando seus filhos, participando de reuniões ou

na hora de ajudá-los nas tarefas escolares. Todavia, nessa rotina eles ainda contavam com a ajuda da esposa ou da avó das crianças.

> [...] Ela acorda de manhã seis horas né, toma banho, toma café e levo ela pra escola. Eu levo, a avó dela leva... Quando a avó dela leva, eu busco. Aí quando eu levo de manhã a avó busca [...] Normalmente é sempre eu que ajudo né.... Nas tarefas de matemática assim, dever de escola, eu sempre tô mais presente [...]. (Fernando).

Em relação à saúde dos filhos a maioria dos participantes disse que as crianças não tinham problemas graves de saúde e que, quando necessário, eles mesmos levavam os filhos ao hospital. Relataram que nesses casos, a maior parte das vezes, eles tinham a companhia da esposa. Esse arranjo acontecia principalmente devido ao fato de o pai ter um carro e a esposa ou avó não. Um dos pais contou que, quando se tratava de doença, delegava o cuidado para a mãe biológica, justificando que não gostava de faltar ao trabalho. Porém, na sua avaliação, frequentemente a mãe não conseguia resolver a situação e ele mesmo tinha que levar a criança ao médico no dia da sua folga.

> [...] Esse lance de doença eu passo para a mãe. Tudo que acontece com ela eu passo para a mãe. Aí eu passo para a vó, a avó passa para a mãe. A mãe sempre toma a atitude de levar, mas 90% das vezes que a mãe leva não resolve, porque a mãe não consegue atendimento. Aí é uma coisa assim, que a mãe faz mal feita. Aí no outro dia eu levo e eu consigo. (Renato)

Em um dos casos o participante admitiu que percebia que ele deveria dar mais atenção para a saúde da filha, pois o fato dela estar com sobrepeso estava lhe preocupando. Outro pai também falou sobre sua preocupação em relação ao peso da filha, contudo ele tomou a iniciativa de levá-la ao médico. Este pai considerou que a sua rotina, o fato dele residir com a filha sozinho, ser homem e não saber cozinhar direito, fazia com que ele não pudesse oferecer uma alimentação adequada para a filha.

> [...] Mas eu cortei 50% das coisas que eu fazia pra ela também... Na alimentação ali, cortei. Aí ela... Fomo no médico, ela ficou muito envergonhada. Falou “Doutora eu tô com vergonha, porque tô acima do peso e tal” Aí a médica falou “Amanda, é bom você e seu pai caminhar todo dia durante meia hora, todos os dias”. Por incrível que pareça saímo dali... Ela me chama pra caminhar na praia. (Renato)

Perspectiva dos filhos

A maioria dos pais relatou que a rotina de cuidados era compartilhada com a madrasta e/ou avó paterna. As crianças confirmaram essa descrição relatando como no dia a dia essas pessoas ajudavam seus pais a cuidarem delas. Apenas em um dos casos a criança nunca tinha convivido com uma madrasta e havia pouco ou nenhum apoio da família, contudo em alguns momentos recorriam à ajuda de outras pessoas. Assim, todas as crianças consideraram que o pai contava com uma rede de apoio para ajudar nos cuidados. Entre as pessoas citadas estavam a figura da madrasta, da avó e de um irmão mais velho ou mais novo, sendo geralmente pessoas da família. Somente a criança que residia sozinha com seu genitor relatou que muitas vezes era acolhida por uma vizinha para que o pai pudesse trabalhar e que esta oferecia comida, quando não tinha nada para comer na casa dela. Os cuidados compartilhados que foram mencionados pelas crianças entrevistadas eram relacionados à saúde, à escola, à alimentação e ao lazer.

> [...] Quando meu pai e minha madrasta tão trabalhando minha vó faz comida pra mim e quando minha vó não tá em casa, que ela sai pra comprar negócio, meu irmão ele fica tomando conta de mim.(Saulo)

A maior parte das crianças relatou que quando estavam adoentadas, mas não precisavam de atendimento médico, eram cuidadas pela madrasta ou pela avó paterna. Contudo, quando havia necessidade de ir ao médico, na maioria das vezes, confirmaram que eram os pais que as levavam.

> [...] Eu fico com a minha mãe...porque meu pai tem que trabalhar...mas quando precisa de ir pro hospital eu fico com o papai. Porque o papai leva... quando precisa de ir pro médico. (Juliana)

Amanda, que morava sozinha com seu genitor, confirmou os relatos do pai e revelou que quando estava adoentada ele não faltava ao trabalho para levá-la ao médico e solicitava que sua mãe biológica ou sua avó materna a levasse ao posto de saúde. Ela também contou que quando ela estava doente seu pai sempre procurava agradá-la perguntando se ela desejava que ele comprasse algo para ela.

Em relação à escola a maioria das crianças disse que eram levadas pelo pai ou pela avó paterna e que na maior parte das vezes eles compartilhavam essa tarefa entre eles. Sobre as tarefas escolares no geral as crianças relataram que faziam sozinhas e quando necessitavam de ajuda recorriam ao pai, avó ou madrasta. Juliana revelou que o pai acompanhava suas atividades escolares, mencionando que o genitor olhava com frequência seu caderno e que, quando ela chegava em casa, ele perguntava o que ela havia feito na escola.

A respeito das reuniões na escola duas crianças disseram que os pais tinham comparecido em ao menos uma. Três crianças afirmaram que o pai trabalhava muito e por isso não podiam comparecer às reuniões. Mel disse que somente sua madrasta ia às reuniões e Helena considerou que na maioria das vezes era sua avó quem comparecia na escola. Amanda relatou que o pai não ia porque geralmente as reuniões ocorriam em dia de semana e ele nunca faltava ao trabalho. Afirmou que sua mãe biológica também não conseguia comparecer porque morava em outro município.

> [...] Minha escola é minha vó, e quando ele tá em casa, assim...ele tem uma pizzaria...E quando ele precisa comprar as coisas...de vez em quando ele me ajuda...de vez em quando ele pede minha vó pra me ajudar, porque assim, ele é uma pessoa só e trabalha demais. (Helena)

No que tange às atividades que os filhos realizavam fora de casa como, visitas à genitora, quando ocorriam, ida à casa de amigos ou familiares ou brincadeiras na rua, as crianças descreveram poucos detalhes, limitando-se a confirmar que o pai sempre acompanhava e tinha conhecimento do que ocorria nos outros ambientes de convivência delas. Amanda mencionou que quando ela ia para a casa da avó materna ver a mãe, o pai ligava a todo o momento para saber se estava tudo bem:

> [...] Nossa, quando eu durmo na casa da minha avó, a mãe da minha mãe, ele liga toda hora, toda hora... Eles até já falaram "ela tá bem, não precisa de você ficar ligando toda hora"... ele se preocupa bastante.

Limites e controle

Perspectiva dos pais

Em relação aos limites e ao modo como exerciam o controle dos filhos a maioria dos participantes relatou impor regras sobre horários para dormir, brincar, fazer tarefas escolares, utilizar o computador, a internet e o telefone celular.

> [...] Horário de ir pra escola, né…, tv, de casa, e cobro muito ela de se preservar, dela não ficar muito de contato com menino, negócio de namoro...isso eu converso com ela. (Elias)

Além dos limites impostos a maioria dos pais considerou necessário controlar o que os filhos estavam fazendo e vendo, principalmente na internet. Demonstraram grande preocupação com a segurança e integridade dos filhos. A maior parte dos pais disse que cada vez mais cedo as crianças queriam acessar as redes sociais na internet como Facebook, Instagram e aplicativos de mensagens como Whatsapp, nos quais mantinham conversas com grupos de amigos. Todavia, mencionaram que autorizavam o uso de redes sociais com a condição de que eles monitorassem de perto como os filhos utilizavam essas ferramentas. Um

pai contou que sempre conferia o celular da filha para ter conhecimento sobre o que ela via e acessava e por conta disso ele descobriu que a filha, de nove anos, tinha “um namorado”.

> [...] E a Mel tinha um celular, e nesse celular tinha um grupo da escola dela... Eu sempre dei celular, mas eu sempre conferia, toda semana... Aí eu fui e peguei o grupo e entrei, comecei a olhar... Aí tava lá “Ei, Mel, é seu namorado não sei quem, não sei quem...” Namorado, falando nas mensagens. Tomei o telefone. Falei “Por causa disso, disso e disso, você não vai ter telefone mais.” (Mário)

Esse mesmo pai também contou que ao acessar uma conversa da filha no aplicativo de mensagens whatsapp de um grupo da escola que ela participava considerou que eram inadequados os assuntos e o modo como os alunos conversavam no grupo. Dessa forma, ele tomou a iniciativa de ir até o diretor da escola e informar sobre o que ocorria no grupo da escola.

Os pais demonstraram preocupação em oferecer orientações aos filhos acerca de temas como amizades, namoro, relações virtuais, direcionando os filhos a comportamentos que eles entendiam ser mais adequados e transmitindo valores e princípios coerentes com o que acreditavam ser melhor. Assim, além de controlar e impor limites aos filhos os pais também relataram que buscavam reforçar os comportamentos adequados e punir os comportamentos que consideravam inadequados. Na maioria das vezes o reforço estava relacionado a proporcionar algo material, como um presente. Apenas um pai relatou que também fazia uso de elogios. Em relação à punição a maioria dos participantes relatou que utilizava o castigo, impedindo temporariamente que o filho fizesse algo que gostava de fazer, como jogar videogame ou usar o celular.

> [...] Tira 10 em matemática... Ela vai traz a prova pra mim toda feliz “Oh Pai, tirei 10, não sei o que”, falei “Parabéns”... Sempre elogiando e assim vai.[...] Não sou de bater, de dar chinelada, sou de castigo. Corto isso, corto aquilo... As duas tinha celular, eu

> fui... Ranquei, tomei e vendi. Não dá, entendeu? Peguei certo tipo de coisa, olhando vídeo... Que um vídeo puxa outro, puxa outro... Aí eu fui e vendi os dois telefones delas e comprei um cachorro. Fiz uma troca. (Mário)

Dois pais relataram que apesar de eles ameaçarem bater nas filhas, nunca fizeram isso. Um participante explicou que o fato de advertir a filha da possibilidade de apanhar, de certa forma resultava na obediência dela. Outro pai revelou que sua escolha de não utilizar a punição física com a filha estava relacionada à sua própria infância. Disse se lembrar de que os irmãos apanhavam muito do pai, porque sempre estavam aprontando, mas avaliou que essa estratégia não fez deles adultos melhores. Ainda comparou o comportamento de seu pai com o de sua mãe, que educou sem usar agressão física, tendo mencionado o quanto ele era grato a ela por isso.

> [...] Ela tem 10 anos de idade...se eu falar pra você assim…,bater mesmo, nunca, de bater nunca! Eu evito, eu evito muito, entendeu?[...] então assim, ela sabe esse limite, eu nunca bati nela, o dia que eu bater nela ela vai saber que ela passou do limite...entendeu? Ó, mas é uma ameaça, se você fizer isso eu vou te quebrar no pau, mas não quebro (riso). Mas ameaço, mas ela acha que eu vou bater, então ela não faz né? (Elias)

Um dos pais avaliou que tinha certa dificuldade com a imposição do limite, inclusive para manter o castigo aplicado. Explicou que, quando a criança demonstrava obediência, além de retirar o castigo ele oferecia uma recompensa para a filha pelo fato de ter respeitado a punição imposta.

Perspectiva dos filhos

Quase todas as crianças relataram que o pai geralmente brigava com elas quando faziam bagunça, desobedeciam ou faziam algo que o genitor considerava errado. Apenas uma

menina revelou que seu genitor não brigava com ela por nada. Segundo Helena quem a corrigia mais era seu avô:

> [...] Quando eu vou bater de frente assim com a minha bisavó, ai ele fica enchendo o saco. De vez em quando a minha vó dá uns peteleco.

A maior parte das crianças não especificou quais os limites eram impostos para elas em relação a horários de dormir, comer, fazer tarefas, tempo para ver TV ou utilizar a internet, as crianças apenas mencionaram quais eram as consequências de não obedecerem aos pais. Elisa declarou que o pai preferia que as amigas fossem brincar na casa dela, pois ele tinha medo de que pudesse acontecer alguma coisa quando ela estivesse fora de casa. Já Mel disse que o pai permitia que ela frequentasse a casa de amigos, todavia ele levava e depois buscava, não permitindo que ela dormisse fora de casa.

Entre os castigos aplicados pelo genitor as crianças citaram ficar sem o celular e/ou ficar sem ver televisão. Duas crianças, confirmando o relato dos genitores, mencionaram que o pai ameaçava que ia bater mas que isso nunca tinha acontecido.

> [...] Quando tem que brigar, briga né.Quando eu e Lalá faz arte, quando a gente bagunça, quando a gente risca a parede...Bom, ele só conversa com a gente e fala que não pode mais fazer isso. Ele fica falando que vai bater, mas ele nunca bate. Ele tem dó. (Mel)

Atividades que realizam juntos

Perspectiva dos pais

Entre as atividades mais citadas pelos participantes que eram realizadas junto com os filhos podemos destacar ver televisão, passear no shopping e jogar algum jogo (de tabuleiro, de cartas ou de videogame). Poucos pais relataram que realizavam atividades ao ar livre com os filhos, como ir ao parque, andar de bicicleta ou ir à praia. Um dos pais referiu que apesar

de sua aversão à praia ele se esforçava para levar os filhos, pois sabia que eles gostavam muito.

> [...] Lá tem Netflix, tem tudo... Toma café, vê televisão. Não tem aquela carta de Uno? Elas ficam brincando entre família, eu e minha esposa, ela e a outra, entendeu? (Mário)

Muitas das atividades eram realizadas com a presença da madrasta e dos irmãos. Dois pais relataram que faziam questão de fazer tudo em família e que antes deles aceitarem um convite para um evento verificavam se eles podiam levar acompanhantes.

> [...] Aí sempre que ele faz o convite, eu sempre falo com ele "Cara, se eu não puder levar minha família, eu não vou". Então assim, sempre com tudo que eu faço, eu to com eles. (João)

Apenas um dos participantes mencionou que ele não levava a filha a todos os lugares que frequentava e disse que valorizava mais a qualidade do que a quantidade de tempo despendido com a filha. Esse pai explicou que ele não ficava o tempo todo com a filha, mas no momento que estavam juntos, se dedicava inteiramente a ela. Outro pai, que também tinha filhos adolescentes, disse que nessa fase os filhos já não queriam fazer muitas atividades junto com ele e enfatizou que utilizava estratégias diferentes para se aproximar deles, como levar o filho e seus amigos para surfar em uma praia diferente ou levar a filha ao salão de beleza.

> [...] Que nem, por exemplo, final de semana do mês passado, eu trouxe ela no shopping, só eu e ela pra fazer o cabelo dela e pra gente comer também... Que ela vai no Beleza Natural aqui no shopping, então eu trouxe ela aqui... Aí assim, as formas que eu tenho de tá próxima a eles assim. (Arthur)

Perspectiva dos filhos

Os relatos das crianças a respeito das atividades que realizavam junto aos pais estavam em conformidade com as narrativas deles. Elas citaram assistir televisão, ir ao shopping, ir à praia, jogar algum jogo ou sair para comer. Uma das meninas, confirmando o relato do pai, comentou que mesmo o pai não gostando de ir à praia ele fazia questão de levá-la. Duas crianças relataram que participavam de programações específicas dos pais, como um churrasco do trabalho ou o jogo de futebol semanal, e avaliaram que gostavam e se sentiam bem quando compartilhavam essas atividades com eles. A maioria delas ressaltou que gostava de sair com o genitor para passear.

A maior parte das atividades era realizada em conjunto com os irmãos e a madrasta, assim como exposto pelos pais, apesar disso, as crianças também mencionaram algumas brincadeiras ou passeios realizados somente com o genitor. Elisa contou que:

> [...] Teve uma vez que eu e meu pai sozinho foi na Glória... Porque ele ia comprar meu tênis... Aí a gente foi... Foi muito legal.

Apenas uma criança realizava as atividades somente com o pai, já que nesse caso não havia irmãos ou familiares residindo com eles. Amanda descreveu como era o fim de semana com seu genitor:

> [...] A gente sai bastante, a gente vai na pracinha, a gente vai na academia, a gente vai na aula de dança, a gente vê bastante filme, a gente vê os programas sábado, domingo e fica bem junto.

Relacionamento pais e filhos

Perspectiva dos pais

Todos os participantes relataram que o fato de residirem na mesma moradia que os filhos após a separação, possibilitando a convivência diária, fortaleceu o relacionamento entre eles e fez com que se sentissem mais próximos dos seus filhos. Isso também proporcionou o

fortalecimento da relação de apego, uma vez que expressaram certa dificuldade e uma grande preocupação nos momentos em que eles tinham que se separar dos filhos.

> [...] Nossa...Garrado, todo dia. Convivência todo dia. Não tem como, todo dia tá junto ué. [...] Se eu não tivesse esse vínculo de morar com ela, não tinha esse apego não... Tinha um apego como filha, mas não tinha aquele apego como convivência ali, você entendeu? Eu não aguento ficar sem ela, não. Se ela ficar dois dias, três dias pra lá, eu já falo "Epa, tá faltando alguma coisa". Não tem como. (Mário)

O participante que residia sozinho com a filha de dez anos, afirmou que se sentia tão próximo a ela que ele compartilhava muitas coisas de sua vida com a filha, tanto coisas pessoais, quanto aquelas relacionadas ao trabalho e à igreja e percebia que ela também contava tudo para ele.

> [...] "Pai, hoje eu briguei com fulano", "Hoje a mãe de fulano fez isso", "Hoje eu fiz aquilo". Esses dias ela até comentou comigo que ela tava gostando de um menino da escola dela, e foi uma coisa surpresa pra mim, porque ela fala bem assim "Pai, um menininho lá da escola gosta de mim, me da cartinha". Aí eu falei... Questiono muito isso... Não filha, você não pode... Aí esses dias ela resolveu "Pai, eu gosto dum menino", aí eu falei "É mesmo?", mas assim falou, foi sincera mesmo... E eu não questionei pela sinceridade dela. (Renato)

Todos os participantes conseguiram descrever características pessoais dos filhos identificando aquelas que, em sua opinião, facilitavam a relação e as que dificultavam, demonstrando que conheciam bem muitos dos comportamentos deles. Todos os pais destacaram as características positivas dos filhos e fizeram muitos elogios a respeito da obediência, educação, inteligência, afetividade e tranquilidade das crianças.

Os pais demonstraram que sabiam reconhecer o estado emocional e as reações dos filhos. Um dos pais ressaltou que sabia diferenciar quando a filha estava estressada ou

magoada pelo modo como se comportava com ele, explicando que a criança evitava conversar nessas situações. Entretanto, disse que reconhecia que era uma situação passageira e conseguia respeitar esse momento da filha. Outro participante contou que o filho era uma pessoa calma e tranquila na maior parte do tempo e que isso facilitava muito a convivência, entretanto, nas poucas vezes que estava estressado, avaliou que reconhecia que o filho preferia não falar sobre o ocorrido, considerando que essa postura dificultava o diálogo entre eles.

> [...] A Elisa é uma menina de muitas qualidades assim, eu como pai vejo assim... É mais a simplicidade dela né. A simplicidade, porque a Elisa é uma criança simples assim, então o pouquinho que você faz já agrada ela né, e o fato também dela ser uma criança atenciosa e obediente. Isso facilita muito o convívio com ela. (Fernando)
>
> […] Ela tem um gênio meio forte... Forte assim, tem hora... Ela é muito temperamental. Tem hora que ela acorda bem, abraça a gente, beija... Tem dia que ela acorda já meio da pá virada... Pela cara dela falo "O que é esse bico seu aí? Por que você tá com esse bico?" (risos)... Mas aí é o jeitinho dela, entendeu? Eu deixo. Nem todo dia também a pessoa tem que tá bem. (Elias)

Perspectiva dos filhos

Assim como os pais, as crianças avaliaram que mantinham uma ótima relação com os genitores. Algumas características descritas que expressaram que as crianças percebiam que o relacionamento era positivo estavam relacionadas ao fato de que os pais eram pessoas amorosas, cuidadosas, divertidas, que gostavam de brincar e que sempre estavam junto delas.

Uma das meninas expôs que quando brigava com seu genitor ela chegava a pensar que nunca mais ia falar com ele, mas no dia seguinte ela estava brincando com o pai novamente, e explicou:

> [...] É porque é amor. (Elisa).

Uma das filhas declarou que o fato de o pai não bater e quase não brigar com ela contribuía para que eles mantivessem uma boa relação. Outra criança verbalizou seu desejo de que o pai tivesse mais tempo para ela, já que sua avó paterna estava muito doente e seu genitor, além de trabalhar, tinha que cuidar dela.

Duas crianças também contaram que elas se sentiam tão próximas dos pais que elas confiavam neles para conversar sobre assuntos diversos. Amanda, confirmando a percepção de seu genitor que acreditava que ela dividia tudo da sua vida com ele, expressou:

> [...] Eu sempre compartilhei, sempre falei pra ele o que minha mãe fazia, o que eu fazia, eu nunca menti, nunca falei alguma mentira para o meu pai [...] Meu pai...Eu sempre fui muito realista com ele, porque ele... Eu sempre... Tipo... Ah, eu gosto de um menino da minha sala, eu falei "pai, eu gosto desse menino da minha sala"... Aí ele falou "Ah, mas quando você tiver dezoito anos vai poder namorar né, fazer essas coisas, seguir sua vida, mas agora você tá muito pequena ainda pra pensar nessas coisas".

Todas as crianças conseguiram descrever características pessoais dos pais, mas a maioria verbalizou poucos detalhes. Em relação às características que facilitavam ou dificultavam o relacionamento entre eles, metade dos participantes respondeu que não sabia dizer.

Entre os que responderam, as qualidades mais citadas pelas crianças a respeito do genitor foram: legal, divertido, engraçado, carinhoso, amoroso, tranquilo, sendo que estas também foram características que os participantes apontaram como facilitadoras da relação. Sobre as características que dificultavam o relacionamento com o genitor duas crianças mencionaram o fato de o pai ficar bravo com alguma coisa e descontar nelas. Outras duas crianças disseram que não havia nenhuma característica que dificultava a relação com o pai.

> [...] Ele é muito carinhoso, brincalhão, ele me acorda fazendo palhaçada... É porque eu acordo sempre de mau humor, porque eu não gosto de acordar cedo ai ele sempre faz palhaçada... A gente combina muito, porque a gente gosta muito das mesmas coisas... E ele é muito carinhoso, muito, muito mesmo... Brincalhão... Só isso... E ele é bem tranquilo. (Amanda)

Principais Desafios

Perspectiva dos pais

Verificou-se que os pais vivenciaram vários desafios a partir do momento que os filhos foram morar com eles, tanto relacionados aos cuidados quanto às interações com as crianças e com os familiares. As compreensões dos pais a respeito das diferenças de gênero impôs um desafio comum enfrentado pelos pais de meninas quando o assunto era banho, cuidados com o cabelo e conversas a respeito de temas como menstruação.

Dar o banho na filha, pelo fato dela ser menina, foi um tabu para muitos pais, que repassavam essa tarefa para as novas companheiras ou para as avós das crianças. No caso em que o pai não se casou novamente e permaneceu morando sozinho com a filha, o participante revelou que na hora do banho ficava por perto e dava algumas instruções, mas a filha tomava banho e se vestia sozinha. Outro pai, que hoje também tem uma filha adolescente, expôs que quando a filha menstruou pela primeira vez, sentiu falta da figura da mãe e, como solução, pediu que a atual esposa conversasse com ela.

> [...] De eu ser homem e ela ser mulher, um desses desafios, porque eu vi ali que eu não deveria... Não sei... Tinha que ficar mais afastado devido... Tomar banho, essas coisas assim... Mudar de roupa, pentear cabelo. O lance do cabelo dela me quebrou muito, porque ela tem um cabelo... Não tem um cabelo igual o das outras meninas, o cabelo dela já é mais complicado. (Renato)

Conciliar o trabalho com os cuidados dos filhos também foi um desafio para alguns pais, já que a maioria deles trabalhava em horário integral e em alguns períodos não puderam contar com o apoio dos familiares. Alguns participantes relataram intenso sofrimento diante das situações que enfrentavam e mencionaram que se sentiram incapazes e limitados, sendo que um pai expôs que muitas vezes ele chorou por não conseguir chegar a uma resolução.

> [...] E aí eu saia pra trabalhar sete horas da manhã e voltava às sete da noite né. Ali pra mim foi extremamente complicado, embora meu trabalho fosse relativamente perto de casa, eu já tinha carro e tal... Mas assim, tinha duas crianças né [...] Assim foi um desafio muito grande. Tipo, aí chegava final de semana... Aí era totalmente dedicado a eles... Então esse período foi bem complicado. (João)

Algumas situações também foram vivenciadas por cada participante de uma forma singular, pois estavam relacionadas às suas características pessoais e história de vida. Um dos pais revelou sua dificuldade em dialogar com os filhos, principalmente quando o tema era delicado, já que seu pai não era muito de conversa e por isso ele não sabia como poderia facilitar sua comunicação com os filhos.

> [...] Que nem Antônio começou a namorar, aí eu falava assim: “Como eu vou chegar em Antônio, conversar com ele sobre sexo, essas coisas assim”. (Arthur)

Um participante expôs sua dificuldade em conseguir um trabalho para sustentar a filha, ter tempo para estar com ela e lidar com o julgamento de sua família, já que conciliar trabalho com os cuidados da filha foi desafiador. Desse modo, relatou que no período que estava desempregado e se dedicou a dar atenção à filha, ouvia dos familiares a crítica de que ele não dava o sustento, contudo, acrescentou que ao conseguir um trabalho, também foi julgado por não ter mais tanto tempo para a filha.

Outro pai expôs que considerava seu maior desafio moldar o caráter dos filhos, ensinando-os o que achava que era certo e o que era errado. Outro participante revelou que

teve dificuldades para cuidar da filha quando ela ficava doente, já que, quando pequena, ela não conseguia dizer com exatidão o que sentia, o que queria, onde doía. Revelou que se sentia angustiado por não conseguir compreender o porquê a filha estava chorando e o que a estava incomodando.

> [...] Aí eu colocava a mão nela e tava normal, mas tava chorando... Mas aí eu não sabia se era febre, se tava sentindo alguma outra coisa ou se era normal estar ou era alguma coisa... Se o medicamento não fez bem, efeito colateral do medicamento né... Eu corria para o médico de novo. O médico falava "É normal!" Mas é fácil pra ele falar quando é normal! (Fernando)

Participação da mãe biológica na vida dos filhos

Perspectiva dos pais

Os participantes relataram que depois que os filhos foram morar com eles, a mãe biológica ficou afastada, algumas por mais de um ano, sem dar nenhuma notícia. Um pai relatou que passou cerca de um ano tentando fazer contato com a genitora porque percebia o sofrimento da filha. Dois participantes relataram que a dificuldade das mães para continuar participando da vida dos filhos foi devido ao envolvimento delas com o uso de drogas.

> [...] Quando a mãe foi, ela pedia a mãe, então fiquei um ano tendo que bater na porta da vó dela... procurando a mãe durante um ano, e ela queria a mãe... e eu questionava eles que eu era o pai, e ela sabia que eu era o pai... mas ela sentiu falta da mãe durante um ano. (Renato)

> [...] Ela tá na rua o tempo inteiro...então assim [...]ela ficou digamos assim...a cada um ano ela via uma vez, uns três, quatro dias e sumia de novo. (Elias)

Em dois casos as mães retornaram e solicitaram a guarda dos filhos novamente, todavia, os pais não aceitaram. Um dos participantes revelou que na época que a genitora ingressou com a ação na justiça, requerendo a guarda, ele já estava casado com outra pessoa,

as filhas já estavam adaptadas àquela rotina, à companhia dos outros irmãos e tinham uma boa relação com a madrasta. O pai contou que, portanto, após uma avaliação da equipe técnica das Varas de Família ele conseguiu manter a guarda das filhas.

> […] Aí ela se recuperou um período… voltou pra igreja… se recuperou da… ai...começou a se aproximar um pouquinho mais...ai entrou na justiça querendo a guarda das crianças. (Elias)

> [...] Aí vamos dizer, ela foi, aí ficou lá um ano, dois anos lá, voltou, aí ficou aqui coisa de três, quatro meses, aqui... Aí falou, citou uma vez que "Há possibilidade de levar as crianças pra lá", eu falei "Não, de forma alguma". [...] Nesse período que ela ficou ausente ela não fez contato com as crianças. Ela simplesmente desligou dois anos e apareceu: "Agora eu quero". (João)

Passadas as dificuldades iniciais de convívio entre mães e filhos, no período o qual a pesquisa foi realizada, a maioria dos filhos mantinha contato com a mãe biológica eventualmente, porém, na percepção dos pais, os laços emocionais foram enfraquecidos, fazendo com que os filhos não fizessem questão de conviver com a genitora. Um dos pais expôs que a mãe biológica não se esforçava para reconstruir o vínculo afetivo com a filha e nos dias de visita solicitava que uma tia buscasse a criança. De acordo com ele, ela não se interessava por saber notícias da filha. Um participante avaliou que nos períodos que a genitora estava namorando, ela visitava mais os filhos do que quando estava solteira, uma vez que, nessa condição, de acordo com ele, sua prioridade era sair para se divertir.

> [...] Porque vê muito pouco. Quando vai, a própria Mel não quer ficar lá, não sei se ela vê alguma coisa. Teve uma vez que ela foi pra casa da mãe... Que parece que o cara discutiu com Paula, empurrou Paula e a Paula caiu em cima da Mel... E nisso Mel pegou... Chegou pra mim e falou "Aconteceu isso, isso e isso". (Mário)

Um dos pais expôs o quanto se sentia sobrecarregado emocionalmente por ter que suprir a ausência da genitora e como percebia que isso também afetava sua mãe, que o ajudava a cuidar da filha.

> [...] Hoje a guarda é compartilhada, se ela tivesse estrutura para ter a guarda... e ela conseguisse fazer com que as crianças se sentissem mais amadas e não mexesse negativamente no psicológico delas, eu preferia que ela tivesse bem e que a gente tivesse com a guarda compartilhada, porque eu acho que isso ia fazer com que eu tivesse uma preocupação a menos de ter que suprir aquela necessidade de...tanto sentimental quanto psicológica das minhas filhas. (Elias)

Perspectiva dos filhos

A maior parte das crianças disse que mantinha contato com sua mãe biológica através das visitas quinzenais. Essas crianças, em sua maioria, relataram gostar de conviver com a genitora e que mantinham um vínculo afetivo com ela. Uma das meninas, contudo, fez questão de ressaltar que, apesar de gostar da mãe, ela preferia o pai. Outra criança revelou que recentemente sua avó materna alertou o seu pai sobre o novo namorado da mãe, pedindo que ela não fosse mais pra casa da genitora, pois não confiava no rapaz. Explicou que, desde então, seu pai tinha suspendido as visitas. Uma participante também mencionou que a mãe dela era dependente química e que isso influenciava a frequência com que tinha contato com a genitora.

Entre as atividades que realizavam junto com a mãe os participantes citaram ver televisão, passear e brincar. Uma criança ainda expôs que sua mãe também participava levando-a ao médico quando ela ficava doente ou comprando algo que ela precisava, como um creme para o cabelo.

> […] Minha relação com a minha mãe Paula? A gente brinca também, ela... Toda vez que eu vou lá, ela separa dinheiro pra gente sair...É porque... É um final de semana sim que eu vou, outro final de semana não. Final de semana sim, outro não. (Mel)

Um participante relatou que considerava sua mãe da mesma forma que seu pai, já que ela fazia as mesmas coisas que ele: cuidava, dava presente e trabalhava. Contudo, ao ser questionado sobre o que gostava de fazer com sua mãe disse não lembrar, porque já havia um tempo que ele não a via, pois, segundo ele, preferia estar com seu pai. Uma das crianças revelou que ela não convivia com a mãe há um tempo, pois a genitora residia em outro estado. Expôs que ela também não tinha interesse em manter contato com a mãe biológica.

> [...] Porque ela mora lá em Santa Catarina...se ela quisesse que eu ficasse perto dela ela morava aqui. (Juliana)

Avaliação que as mães biológicas fazem sobre os cuidados dos pais

Perspectiva dos pais

Apenas dois participantes relataram achar que a mãe biológica os considerava bons pais e acreditavam que elas inclusive demonstravam gratidão por eles terem assumido os cuidados. Um dos pais disse que sentia que a genitora era grata porque ele não abandonou as filhas, apesar de tudo o que aconteceu. Avaliou que ela valorizava sua atitude, pois o genitor da mãe foi um pai muito ausente, e ele, portanto, estava sendo o pai que ela não teve para as suas filhas.

Dois participantes afirmaram que as mães não os consideravam bons pais. Entre os motivos citaram que elas achavam que eles faziam todas as vontades dos filhos, não estabeleciam regras e limites, discordando da forma como educavam. Um dos participantes relatou que mesmo quando ele colocava limites para a filha, a mãe não concordava com sua opinião.

> [...] “Se você colocar o piercing na língua, quando você vier aqui pra casa, eu tiro”. Aí ela acha assim... A Sueli é até mais velha que eu, ela tem 33, eu acho... 33, 34... Mas ela acha que eu assim... “Ah seu pai é chato”. Eu não sou chato, eu sou..., tenho meus princípios, tenho minhas convicções, então... Independente se eu tivesse com ela ou não, eu não ia deixar, porque Mariana tem doze anos. (Arthur)

Outro pai expôs que se sentia desvalorizado pela mãe da filha e que ela o via como o pior ser humano, valorizando mais a pessoa com quem ela vivia atualmente do que ele que, em sua própria avaliação, fazia “tudo pela filha”. Outro participante disse que não fazia ideia de qual a opinião de sua ex-esposa, já que eles não mantinham nenhuma interação, tendo expressado uma avaliação negativa da mãe biológica de seus filhos.

> [...] Tenho nem ideia e é um troço... Nem me interessa saber, porque assim, eu tenho mãe e pelo que eu vejo da minha mãe, ela tá muito longe de ser mãe, entende? (João)

4- Discussão

A análise e a discussão dos dados foram orientadas pelos objetivos especificados neste estudo, fundamentadas na literatura existente sobre o tema e na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Optou-se por iniciar a análise pelos temas abordados somente com os pais e posteriormente incluir a análise dos dados coletados acerca do relacionamento entre pais e filhos articulando esses relatos, mantendo a perspectiva de que as relações são construídas numa via bidirecional (Bronfenbrenner, 2006). Dessa forma, a discussão foi organizada considerando-se os seguintes eixos de análise: Eixo 1: Parentalidade, separação e divórcio. A discussão a respeito da definição de ser pai, as mudanças e os impactos na rotina e os desafios enfrentados pelos pais serão incluídos nesse tópico. Eixo 2: Perspectiva dos Pais X Perspectiva dos Filhos. Nessa parte serão discutidos os conteúdos apresentados pelos dois grupos de participantes sobre a relação pai/filho, a rotina de cuidados e a participação e apoio de terceiros.

Parentalidade, Separação e Divórcio

De acordo com Gabriel & Dias (2011, p.253) “ser pai é um papel que se encontra em ampla transformação”. A paternidade como é exercida nos dias de hoje é o resultado de uma mudança da sociedade ocorrida ao longo do tempo, desde o modelo patriarcal, no qual a organização da família era centrada na figura masculina, autoritária e provedora, até o modelo pós-moderno, no qual o pai se mostra mais participativo e envolvido afetivamente com os filhos (Carvalho, Fontoura & Moreira, 2013). Contudo, quando o homem se torna pai, isso não implica necessariamente que ele vá assumir sua função parental (Avena & Rabinovich, 2016). Na presente pesquisa realizada com os pais, que assumiram os filhos após a separação conjugal, verificou-se que os participantes ocuparam de fato esse papel, uma vez que, diante de uma situação inesperada, escolheram ir além do registro de reconhecimento da paternidade ou mesmo dos laços biológicos, exercendo a função afetiva e de cuidado que a paternidade

pressupõe. Mesmo que a guarda paterna não tenha sido a primeira escolha na maioria dos casos, os participantes tomaram a decisão de serem pais presentes quando poderiam ter sido pais ausentes. A ausência paterna após a ruptura conjugal não é incomum, outros estudos mostram que os conflitos interparentais após o divórcio podem interferir na continuidade do exercício da parentalidade, provocando muitas vezes esse afastamento do pai (Ramires, 2014).

Após alguns anos vivenciando a parentalidade de forma tão intensa os participantes desse estudo manifestaram que não abririam mão de ter os filhos morando com eles. Em alguns casos as mães biológicas retornaram após um período de tempo e tentaram reassumir os filhos, o que foi negado pelos genitores, sendo que em três casos eles conseguiram regulamentar a situação na justiça. Tal postura vai ao encontro do surgimento desse 'novo pai' que deseja ser mais participativo, mais próximo, que demonstra mais afeto e carinho e também quer continuar convivendo com os filhos diariamente, mesmo após a separação, e que tem procurado cada vez mais a justiça para garantir a convivência (Denardi & Botolli, 2017).

O divórcio e a separação conjugal tornaram-se um acontecimento cada vez mais presente no cotidiano das famílias. Segundo o IBGE, em 2016, o número de divórcios aumentou 4,7% em relação a 2015 (IBGE, 2016). Diante desse contexto, as famílias têm que passar por uma reorganização, sendo uma delas a escolha de quem vai ficar com os filhos (Schneebeli & Menandro, 2014). Apesar de existir a previsão da guarda paterna no ordenamento jurídico brasileiro, ainda são pouco comuns os casos em que as crianças permanecem com o pai após a ruptura conjugal (Denardi & Bottoli, 2017).

Na literatura internacional encontramos que, na maior parte do século XX, nos casos de divórcio em que as crianças não moravam com ambos os pais, o mais comum era que os filhos permanecessem com as mães, principalmente quando se tratava de crianças pequenas, uma vez que, de acordo com a distribuição das tarefas em função do gênero, as mulheres eram

vistas como melhores cuidadoras de crianças. Entretanto, mais recentemente, políticas com preferências explícitas de gênero foram modificadas, e um princípio orientador mais geral do "melhor interesse da criança" substituiu uma declaração explícita de que as crianças deveriam viver com a mãe (Cancian, Meyer, Brown & Cook, 2014).

A legislação espanhola no ano de 2005 também passou a prezar pelo melhor interesse da criança. Contudo, em um estudo realizado após sete anos da promulgação da lei que reformou a legislação relacionada à separação e ao divórcio, que analisou 468 sentenças judiciais associadas aos casos de disputa de guarda, encontrou-se que quando se tratava de guarda paterna os juízes faziam um maior uso de critérios relacionados ao pai para justificar a decisão (por exemplo, apoio da família estendida, características de personalidade ou adequação) do que em relação à guarda materna, mostrando que a compreensão de que a mãe tinha mais competência para o cuidado, ainda prevalecia (Novo, Quinteiro & Vasquez, 2013).

No presente estudo, de todas as seis famílias participantes, apenas um pai permaneceu com a filha logo após a separação. Em quatro casos a guarda materna foi a primeira opção das famílias e apenas em um caso a genitora saiu de casa sem avisar e levou a criança sem o consentimento do pai. Provavelmente, esse arranjo se deve a concepção de que a mãe seria a pessoa mais adequada para assumir os filhos, já que tradicionalmente sempre coube a ela o papel de cuidadora da prole e ao pai o de provedor da família (Denardi & Bottoli, 2017; Isotton & Falcke, 2014; Schneebeli & Menandro, 2014; Vieira & Souza, 2010).

A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner considera que o macrossistema é um contexto que envolve os demais sistemas (microssistema, mesossistema e exossistema) e engloba as crenças, culturas e ideologias da sociedade, que podem variar de um país para o outro e até mesmo apresentar particularidades regionais dentro de um mesmo país (Brofenbrenner, 1979; Bronfenbrenner & Morris, 2006). A marca do macrossistema é o seu abrangente sistema de crenças ou ideologia, e como resultado, as experiências diárias de uma

pessoa em um dado grupo social, socioeconômico, étnico ou religioso tendem a ser semelhantes (Rosa & Tudge, 2013). Assim, é no macrossistema que se situam os conceitos culturais do papel do pai e da mãe, de cuidados parentais e do que constitui uma família, e esses conceitos também norteiam as práticas parentais e as interações com os filhos.

O papel da mãe foi supervalorizado em relação ao papel do pai até mesmo por estudiosos da psicologia do desenvolvimento, contribuindo para que essa representação permaneça no modo de pensar da maioria das pessoas (Vieira & Souza, 2010; Schneebeli & Menandro, 2014). Verificou-se que, a maior parte dos participantes da pesquisa, apesar de terem assumido os filhos após a separação, ainda mantinham a ideia de que a mãe seria a mais indicada para cuidar das crianças. Com relação às razões que levaram os pais a assumir a guarda dos filhos após a separação, a maioria dos participantes deste estudo responsabilizou-se pelos filhos porque eles não encontraram outra alternativa no momento, já que a própria mãe deixou as crianças com eles ou porque era usuária de drogas e de fato não tinha condições de assumir os cuidados, resultado que também aparece em outros estudos. Apenas dois pais ingressaram com o pedido de guarda dos filhos logo após a separação, demonstrando que compreendiam que também poderiam responsabilizar-se pelos cuidados dos filhos tanto quanto a mãe.

Outras pesquisas indicam que os motivos da solicitação da guarda pelo pai incluem a escolha ou consenso de um dos pais, abandono pela mãe, a incapacidade da mãe de continuar desempenhando seu papel devido suas condições psicológicas, ou abuso de álcool e drogas e restrições financeiras (Hacker, 2003 citado em Cohen et al., 2014, p.641). Em uma pesquisa realizada em Israel com 20 pais divorciados que estavam com a guarda dos filhos, nove participantes reportaram como razões para solicitar a custódia dos filhos os abusos físicos e/ou emocionais por parte da mãe, três pais informaram que a iniciativa foi da própria mãe, em seis casos a iniciativa foi do próprio filho e apenas dois pais disseram que a iniciativa foi

deles, por entenderem que a mãe não reunia condições (Cohen et al.,2014). Já na pesquisa de Vieira e Souza (2010) sobre guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade, dos onze pais entrevistados que tinham a guarda dos filhos, cinco permaneceram com eles logo após a separação. Os principais motivos alegados para esse arranjo foram: a mudança da mãe para outra cidade/país, melhores condições financeiras e materiais do pai para cuidar dos filhos e melhor relacionamento entre os filhos com os pais do que com a mãe.

Tendo sido estabelecido como será a convivência da criança com pai e mãe após a separação ou divórcio, o exercício parental tem que ser adaptado, já que se diferencia dos cuidados compartilhados quando os genitores moram na mesma casa (Gorin, 2015; Grybowski & Wagner, 2010). A parentalidade pode ser entendida como uma soma de responsabilidades para com os filhos que envolve a satisfação das necessidades econômicas, materiais, emocionais e educacionais, além da disponibilidade afetiva e compartilhamento de experiências do dia a dia (Gzybowski, 2011).

Neste estudo, a maioria dos participantes, ao definir o que é ser pai, relatou que a partir da paternidade houve uma percepção de maior responsabilidade e que a paternidade proporcionou mudanças pessoais em suas vidas, antes e depois que os filhos foram residir com eles. Essa avaliação de que houve aumento de responsabilidade pode estar relacionada às expectativas sociais de que o pai ainda é o principal provedor, e geralmente são exteriorizadas através da preocupação em ter um trabalho e se manter empregado para que seja possível a manutenção da família (Gabriel & Dias, 2011).

A maioria dos pais da pesquisa compreendeu o trabalho como algo fundamental e necessário da função paterna, já que era através do trabalho que eles poderiam proporcionar aos filhos muitos dos recursos e condições que consideravam essenciais, como educação, segurança e um futuro melhor. Assim, observou-se que a paternidade para esses pais ainda

estava estreitamente associada à atividade do trabalho, o que corresponde a uma perspectiva mais tradicional desse papel (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Contudo, outros elementos também foram citados como sendo parte da função paterna. Após serem pais, os participantes relataram a necessidade de mudar alguns comportamentos que tinham anteriormente, com o intuito de viverem uma vida mais coerente com o papel que acreditavam que deveriam desempenhar. Segundo os participantes, além de ser provedor, um pai deve ser exemplo e referência. A busca por uma religião e o retorno aos estudos foram algumas das escolhas que os participantes fizeram visando mudanças em suas vidas, principalmente quando assumiram a guarda dos filhos. Dessa forma, percebeu-se que, assim como em outros estudos, a partir do momento que os pais assumiram a guarda, eles começaram a vivenciar e compreender a paternidade de uma forma diferenciada, uma vez que tal situação provocou mudanças importantes em sua rotina e no modo de se relacionar com os filhos (Isotton & Falcke, 2014b).

Na literatura internacional algumas pesquisas mostraram que os homens passam a ganhar mais e trabalhar mais horas ao se tornarem pais, o que condiz com o papel de "provedor", (Kaufman & Uhlenberg, 2000; Townsend, 2002 citado em McGill, 2014, p.1091). Outros estudos, contudo, verificaram que homens mais jovens, com atitudes de gênero mais igualitárias, diminuíram suas horas de trabalho quando se tornaram pais (McGill, 2014). A pesquisa de McGill (2014) abordou esse tema com mais profundidade, explorando se os homens com atitudes de "novo pai" estavam mais envolvidos com suas crianças em vez de, ou apesar de, trabalhar mais horas. O estudo mostrou que os homens com atitudes paternas mais contemporâneas, que assumem um novo modelo de paternidade, podem preservar o seu tempo com as crianças, apesar das horas gastas no trabalho, mais do que aqueles que ainda permanecem com atitudes mais tradicionais. Na pesquisa aqui descrita, alguns pais também

privilegiaram a presença com os filhos, abrindo mão de um trabalho fixo para passar mais tempo com a criança.

Ainda sobre a definição de pai, um dos participantes deste estudo expressou que compreendia a paternidade como sendo igual a maternidade justificando que ser pai podia proporcionar tantas mudanças na vida do indivíduo quanto ser mãe. Entretanto, esse pensamento pode estar relacionado à expectativa social de que para ser um bom pai deve-se exercer os cuidados como a mãe. Tal percepção também foi observada na pesquisa de Vieira e Souza (2010). Em seus resultados, três dos onze participantes consideraram que a maternidade era igual a paternidade, principalmente no que diz respeito às responsabilidades. Ramires (2014) aponta que em estudos da década de 70, já havia evidências de que a capacidade de cuidar dos pais e de atender as necessidades dos filhos era semelhante a capacidade de maternagem relatada na literatura sobre as mães.

Os participantes também relataram que para além das responsabilidades e da motivação para a busca por mudanças pessoais ser pai era um presente de Deus e que os filhos davam sentido à vida, enfatizando grande satisfação com a paternidade exercida. Outros estudos também evidenciaram a primazia dos filhos na vida do pai, destacando sentimentos positivos como amor, carinho e satisfação trazidos pela paternidade e que educar é percebido como uma das atividades mais significativas (Gabriel & Dias; 2011; Vieira & Souza, 2010).

Importante destacar que, nesta pesquisa, os pais, além de avaliarem os aspectos positivos da paternidade também admitiram ter falhas. Eles reconheceram os principais pontos que gostariam de melhorar, como dar mais atenção aos filhos, estar mais presente e impor mais limites. Resultados semelhantes também foram encontrados em outro estudo que investigou os sentimentos e experiências dos pais em relação à própria paternidade e em relação aos próprios pais. Os oito participantes além de se avaliarem positivamente descrevendo que eram presentes, participativos e preocupados com os filhos, admitiram

também suas falhas, reconhecendo que os erros eram tentativas de fazer sempre o melhor (Gabriel & Dias, 2011).

Um dos pais desta pesquisa priorizava proporcionar educação para os filhos, assim como o seu pai proporcionou, e outro participante não utilizava punição física com sua filha, pois ele se lembrava de que o comportamento punitivo de seu pai com seus irmãos de pouco adiantou. Assim, nesse estudo percebeu-se que a vivência da paternidade possibilitou a esses pais a reavaliação de seus próprios valores, uma vez que eles relembraram sua própria infância e adolescência exercendo a função parental a partir do modelo de seus próprios pais (Gabriel & Dias, 2011; Isotton & Falcke, 2014b). Diante disso o pai pode reproduzir aquilo que considerou positivo e repensar aquilo que achou negativo e também pode ser influenciado pelas próprias características pessoais dos filhos (Isotton & Falcke, 2014b).

O surgimento do novo pai despertou interesse de pesquisadores em relação a como esse papel está sendo exercido, contudo, pouco se sabe como os pais estão vivenciando essas mudanças (Carvalho et al., 2013). Os participantes dessa pesquisa citaram como suas maiores preocupações após os filhos terem ido morar com eles a questão financeira e a maior responsabilidade, e também apontaram preocupações relacionadas a suprir a ausência materna e ter mais tempo para os filhos. Na literatura encontrou-se que os impactos na vida do genitor que assume os cuidados geralmente estão relacionados aos aspectos financeiros, ao acúmulo de responsabilidades em relação à educação e cuidados dos filhos (Isotton & Falcke, 2014a).

Destaca-se que a maioria dos pais percebeu que o afastamento da mãe no período após a separação afetou os filhos emocionalmente, fazendo com que procurassem preencher a ausência da genitora se aproximando mais das crianças. Tal situação corrobora o fato de que residir na mesma casa que o filho leva a um maior envolvimento parental direto (Grybowski & Wagner, 2010). E nos casos em que a mãe biológica se distancia, verifica-se que é comum que os pais se mobilizem para compensar essa ausência (Isotton & Falcke, 2014b).

Os participantes também mencionaram a reorganização da rotina e responsabilização pelos cuidados da criança como situações de grande impacto. Conforme Vieira e Souza (2010) ser pai requer alguns sacrifícios, reestruturação da rotina, incluindo a adequação do tempo de trabalho, dos momentos de lazer e até mesmo modificações nos planos de vida em função dos filhos. Como exemplo, um dos pais deste estudo ao assumir sua filha ainda bebê decidiu morar junto com a namorada, mesmo com pouco tempo de relacionamento, pois entendeu que a ajuda dela também beneficiaria a filha. Outra decisão de impacto na vida de um dos pais foi a de deixar o emprego temporariamente para se dedicar apenas à filha, que na época tinha apenas dois anos. Outros estudos encontraram que os pais que ficam com a guarda dos filhos após a separação decidem muitas vezes por um trabalho que possibilite passar mais tempo com os filhos mesmo que implique em uma diminuição da renda (Garbar & Theodore, 2000, como citado em Isotton & Falcke, 2014, p.489). Assim, percebeu-se que os pais deste estudo não tiveram medo de tomar decisões importantes que mudaram suas vidas, porque eles queriam priorizar o bem-estar dos filhos e atender todas as suas necessidades.

Em relação aos desafios enfrentados, verificou-se que as percepções dos pais sobre diferenças de gênero orientaram alguns cuidados entre os pais de meninas. A maioria dos participantes repassou para as avós ou madrastas, a responsabilidade pelos cuidados que eles consideravam que deveriam ser realizados por uma mulher, como dar banho e conversar sobre assuntos como menstruação. Apenas um dos pais, que morava com a filha sozinho, teve que lidar diretamente com essas situações, contudo, demonstrou grande dificuldade em assumir a responsabilidade sem nenhum apoio.

Bronfenbrenner considerou as características da pessoa não apenas como sendo produto de desenvolvimento, mas também o seu produtor, devido à sua capacidade de encorajar ou dificultar os processos proximais. Ele classificou essas características como

força, recurso e demanda e observou que cada uma pode ser geradora ou disruptiva para os processos proximais e, portanto, para o desenvolvimento (Rosa & Tudge, 2016). Bronfenbrenner reconheceu a influência das características das pessoas em moldar o curso do desenvolvimento futuro através de sua capacidade de afetar a direção e a força dos processos proximais ao longo da vida.

Assim, as características de demanda são aquelas que convidam ou desencorajam reações do ambiente social que podem fomentar ou interromper o estabelecimento dos processos proximais (Bronfenbrenner & Morris; 2006). São características de demanda, por exemplo, a cor da pele, a idade e o gênero. Os recursos estão relacionados àquelas características que influenciam a capacidade da pessoa para se engajar efetivamente nos processos proximais, relacionadas a recursos cognitivos e emocionais e que tem relação com habilidades e competências adquiridas. As características de força se relacionam às diferenças de temperamento, motivação, persistência. Dessa maneira, as dificuldades encontradas pelos pais de meninas para realizar determinados cuidados estão relacionadas à sua história pessoal de aprendizagem e habilidades que foram adquiridas de acordo com os valores e crenças de sua geração, influenciando a forma como enfrentavam essas situações e interagiam com as filhas.

Na pesquisa de Vieira e Souza (2010) os pais entrevistados que possuíam a guarda paterna também manifestaram haver atividades específicas ou mais adequadas de serem realizadas pelo pai e outras mais convenientes às mães. O senso comum atribui à mulher o papel de cuidadora persistindo ainda uma naturalização de comportamentos que devem ser exercidos por homens e por mulheres e uma divisão de papéis pouco questionada e que não se procura alterar (Leite; 2015). Botton et al. (2015) consideram que esses estereótipos de comportamentos classificados como de homens e de mulheres são universalizados de tal forma que muitas vezes impossibilitam novas formas de vivenciar e exercer a masculinidade e

a feminilidade, principalmente no que diz respeito aos papéis de pai e mãe. Essas autoras ainda ressaltam que as mudanças em relação à desigualdade de gênero só poderão se concretizar quando homens forem autorizados a trocar as fraldas, meninos a usar rosa, meninas a brincar de luta, entre outras vivências cotidianas, em favor de uma educação não sexista.

Outro desafio citado pelos participantes da pesquisa foi conciliar o trabalho, os cuidados e o tempo disponível para os filhos. A maioria dos pais trabalhava em período integral e encontrava dificuldade em dispor de um tempo livre maior com as crianças, mesmo antes da separação. O pai que cuidava sozinho da filha tinha ainda mais dificuldade com essa distribuição do tempo. De fato, este é um desafio maior para as famílias monoparentais, posto que muitas vezes o genitor guardião, devido ao seu trabalho, não consegue disponibilizar tanto tempo para os filhos como gostaria (Denardi & Bottoli; 2017; Vieira & Souza, 2010). No estudo de Vieira e Souza (2010) a questão do trabalho externo também surgiu como dificuldade para ajustar o tempo ao exercício da paternidade e, em alguns casos, os pais que tinham a guarda dos filhos não conseguiam cuidar de suas próprias necessidades, em contrapartida, alguns participantes não viram dificuldade em conciliar o trabalho com os cuidados das crianças, tendo avaliado que isso também poderia acontecer com as mães que se encontravam em situação semelhante.

Na Teoria Bioecológica o tempo aparece como um elemento importante no modelo PPCT. Para ser efetivo o processo proximal deve ocorrer em um período regular e longo de tempo, para que as atividades não sejam frequentemente interrompidas e se tornem cada vez mais complexas, uma vez que a mera repetição não funciona (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Dessa forma, nem toda interação pode ser considerada um processo proximal, ou seja, uma interação significativa na promoção do desenvolvimento.

De acordo com Bronfenbrenner e Morris (2006) o elemento tempo apresenta três dimensões: microtempo (o que está ocorrendo durante determinada atividade, eventos presentes no microssistema), o mesotempo (a periodicidade dessas atividades em um intervalo de tempo mais amplo, como dias e semanas) e o macrotempo (mudanças ou continuidade que se dão ao longo de um período histórico atingindo várias gerações e a sociedade como um todo). Assim, a preocupação trazida pela maioria dos pais, sobre passar mais tempo junto dos filhos é relevante, uma vez que proporcionar estabilidade no microtempo evita constantes interrupções nos processos proximais em curso, favorecendo o desenvolvimento das crianças.

Perspectiva dos Pais X Perspectiva dos Filhos

Para a Teoria Bioecológica a família compõe um dos microssistemas no qual os indivíduos estão inseridos, um ambiente com características físicas particulares, no qual a pessoa está situada e pode interagir face a face com os outros membros, cada um com suas características pessoais, e no qual ocorrem interações significativas para o desenvolvimento, os processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Rosa & Tudge, 2013). Os processos proximais são compreendidos como interações recíprocas, progressivamente mais complexas que ocorrem entre um organismo humano biopsicológico e pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente externo imediato (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 2006). Os processos proximais não são unidirecionais, deve haver uma influência em ambas as direções. Para uma interação interpessoal isso significa que a iniciativa não parte somente de um lado, deve haver reciprocidade na troca (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Assim, considerando que a família é o contexto primário no qual a maioria das crianças experimenta processos proximais, neste estudo buscou-se compreender o ponto de vista não somente do pai, mas também do filho, considerando-se a bidirecionalidade das relações.

No modelo bioecológico o desenvolvimento é definido como um fenômeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas do ser humano, tanto como

indivíduo, quanto como grupo, que se estende ao longo do curso de vida, através das gerações sucessivas e do tempo histórico (Bronfenbrenner & Morris, 2006). A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner sobre o desenvolvimento humano considera que os processos proximais são o aspecto central da teoria e que as características das pessoas, o contexto e o tempo influenciam mutuamente esses processos (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Rosa & Tudge, 2013). Diante disso, entende-se que, no contexto de separação em que os pais assumem os cuidados dos filhos, processos proximais importantes e significativos são estabelecidos na relação pai/filho e essas interações passam a ocorrer por um período de tempo duradouro e regular tornando-se progressivamente mais complexas. Além do mais, nessa perspectiva, a casa do pai constitui um dos microssistemas principais da criança, já que é um ambiente no qual os filhos passam boa parte do tempo se engajando em atividades e interações.

O exercício da paternidade atualmente tem se destacado pela maior proximidade e participação do pai que tem assumido um papel mais ativo e com maior demonstração de afeto e carinho, diferentemente do modelo tradicional de pai provedor, distante e autoritário (Alves et al., 2014; Dantas, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Denardi & Bottoli, 2017; Gabriel & Dias, 2011;). Todos os pais desse estudo relataram que se sentiam próximos dos filhos e que o fato de residirem na mesma casa fortaleceu a relação pai/filho (a) e muitos expressaram certa dificuldade e até mesmo uma grande preocupação nos momentos em que tinham que se separar deles. Por sua vez, todos os filhos também mencionaram que se sentiam próximos aos seus pais, que mantinham um bom relacionamento com eles, uma vez que os genitores eram pessoas amorosas, cuidadosas, divertidas, que gostavam de brincar e que sempre estavam junto deles. Os pais e também algumas crianças conseguiram identificar as características pessoais que facilitavam e dificultavam o relacionamento entre eles. Assim, os resultados encontrados nesta pesquisa mostram essa transformação no exercício parental paterno em que a afetividade e a proximidade estão presentes. Também se verificou que a

maior proximidade entre pai e filhos proporcionada pelo fato deles terem ido residir com seus genitores após a separação, as características pessoais de cada um, as mudanças das crenças em relação aos cuidados parentais, incentivou as interações face a face encorajando os processos proximais.

Outras pesquisas também evidenciaram um maior comprometimento dos pais não somente com as obrigações básicas de prover e disciplinar, mas também com os aspectos afetivos do relacionamento, verificados por meio de discursos e práticas que indicam companheirismo e expressão da afetividade representativos de um modelo de paternidade diferenciado do tradicional (Denardi & Botolli, 2017; Vieira & Souza, 2010).

Todos os pais desse estudo mencionaram que, frequentemente, realizavam atividades junto com seus filhos e essas informações foram confirmadas pelas crianças entrevistadas que também disseram gostar de realizar essas atividades com os pais demonstrando grande satisfação. Atividades como essas acontecem regularmente na vida dos indivíduos em desenvolvimento e constituem motores de desenvolvimento porque é se engajando nessas atividades e interações que os indivíduos passam a compreender o mundo e o seu lugar nele (Tudge et al.,2009). Dessa forma, por meio de interações cada vez mais complexas com os seus pais as crianças podem se tornar cada vez mais agentes de seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

Em relação à rotina de cuidados, na maioria dos casos desta pesquisa, a responsabilidade não era somente dos pais, era compartilhada principalmente com a madrasta, uma vez que a maioria dos pais já havia constituído nova família e também com a avó paterna. Por sua vez, as crianças descreveram como no dia a dia a madrasta e outros familiares ajudavam seus pais a cuidarem delas. Entre as atividades que os pais estavam mais presentes na rotina de cuidados destacaram-se aquelas relacionadas à escola. Eles mostraram-se mais envolvidos em levar e buscar os filhos, participar de reuniões e também em ajudar nas

tarefas de casa. Já em relação à saúde os pais entravam em cena quando era necessário levar o filho a uma consulta médica, porém os medicamentos eram geralmente administrados pela avó.

Bronfenbrenner discutiu o papel de uma terceira pessoa chamando a atenção para a existência de um sistema de relacionamentos. Cada membro de uma família influencia cada um dos outros, particularmente quando assume um novo papel, ou passa por uma transição ecológica (Rosa & Tudge, 2016). As transições ecológicas se referem a mudanças que podem ocorrer na vida da pessoa, em função do desenvolvimento biológico ou de eventos, que promovem uma reorganização ambiental, no nível psicológico ou comportamental, trazendo mudanças na percepção de si mesmo e dos outros (Bronfenbrenner, 2011), como no caso em que a pessoa se torna pai ou mãe, ou no divórcio.

Bronfenbrenner caracterizou os processos proximais como envolvendo um sistema complexo de relações sociais, dessa forma, o estabelecimento e a manutenção de interações progressivamente mais complexas entre pais e filhos é favorecida também pela participação de outro adulto, o terceiro responsável, que irá ajudar, estimular e se envolver em atividades conjuntas com a criança (Bronfenbrenner, 2011).

Neste estudo, observou-se como a figura da madrasta e da avó tornou-se importante após a separação, uma vez que em quase todas as famílias desta pesquisa verificou-se o afastamento da genitora durante um período. Sendo assim, os próprios pais reconheceram a necessidade de apoio. Importante ressaltar que o suporte da madrasta, para a maioria dos participantes, foi fundamental nesse processo e tornou possível a responsabilização pelos cuidados dos filhos facilitando a reorganização da nova rotina. As crianças deste estudo demonstraram manter uma relação afetiva positiva com suas madrastas e enfatizaram o papel da nova companheira do pai, reconhecendo a participação delas nos seus cuidados, avaliação

que vai de encontro a imagem do senso comum, da figura da madrasta malvada ou ameaçadora que poderia afastar os filhos do pai (Alves & Arpini, 2017).

Bronfenbrenner destacou também a importância da interdependência dos vários microssistemas nos quais a pessoa vive, o mesossistema (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Rosa & Tudge, 2013). Assim, em relação à participação das avós na rotina de cuidados compreendeu-se que funcionava como um mesossistema, ou seja, o microssistema casa do pai se relacionava com o microssistema casa da avó, sendo que cada um influenciava o outro.

Alves, Arpini e Cúnico (2014) constataram que após a separação, a família extensa, principalmente a avó, passa a exercer papel fundamental na vida dos netos e ainda, que o novo cônjuge surge como alguém para auxiliar e participar da educação dos filhos do atual parceiro. Em outro estudo também foi possível observar que os pais que detinham a guarda dos filhos buscavam ajuda de familiares como a mãe, ex-sogra e irmãos em relação à alimentação, atividades domésticas, medicamentos e em situações emergentes (Isotton & Falcke, 2014).

Outro importante mesossistema apontado pelos participantes na avaliação das relações filhos e pais, diz respeito á interação entre o contexto escolar e o contexto familiar. Verificou-se que, entre as atividades nas quais os pais estavam mais presentes na rotina de cuidados, destacaram-se aquelas relacionadas à escola. Eles mostraram-se mais envolvidos em levar e buscar os filhos, participar das reuniões e também em ajudar nas tarefas de casa.

Em relação ao monitoramento e controle exercido sobre as atividades realizadas pelos filhos, e os limites e as regras impostas nas práticas educativas, verificou-se que todos os pais exerciam esse aspecto da parentalidade. Os participantes mostraram-se preocupados em ensinar valores, zelar pela integridade e segurança dos filhos. Sobre as punições que aplicavam o castigo foi citado por todos os participantes e a maior parte disse nunca ter utilizado a punição física. No caso da única família monoparental da pesquisa o pai

demonstrou alguma dificuldade em impor limites e controlar os comportamentos da filha, sentindo-se culpado por não poder estar mais tempo com ela, considerando que ele também não podia contar com o apoio de seus familiares. Dessa forma, esse pai ficava incomodado ao punir a criança e não conseguia manter o castigo por muito tempo.

No estudo de Isotton e Falcke (2014b) também observou-se que o pai em alguns momentos se confundia entre disciplina e afeto e se arrependia do castigo aplicado, compensando com amor e afetividade. Alguns estudos citados por Cohen et al. (2014) encontraram que os pais divorciados de famílias monoparentais que tinham a guarda do filho experimentaram a paternidade como um estado de pressão prolongada. Eles mostraram-se inseguros sobre a sua capacidade de desempenhar a sua função ou sentiam-se desconfortáveis com o fato de que eles estavam criando seus filhos sozinhos.

Já as crianças do presente estudo confirmaram que os pais brigavam com elas em situações específicas, como quando elas faziam bagunça ou desobedeciam, demonstrando que de certa forma elas compreendiam a atitude dos pais. Entre os castigos aplicados elas citaram ficar sem o celular e/ou ficar sem ver televisão. Em uma pesquisa realizada com crianças a respeito de suas percepções sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental, Goetz e Vieira (2009) ressaltaram que as crianças demonstravam saber sobre a necessidade de punição e a considerava adequada quando se comportavam de maneira indesejável ou inadequada, e mostraram ainda que preferiam punições associadas à privação de atividades prazerosas do que repreensões verbais severas.

Na presente pesquisa apenas uma criança revelou que o pai não brigava com ela em nenhuma circunstância, validando a fala de seu genitor. Em situações de pais separados que possuem a guarda dos filhos, verificou-se que, muitas vezes, a paternidade tem características de superproteção e menor rigidez em relação ao estabelecimento de limites (Isotton & Falcke, 2014b).

No tocante à participação da mãe biológica na vida dos filhos após eles terem ido morar com os pais, a maior parte dos pais manifestou compreender que a ausência materna trouxe algum sofrimento para os filhos, reconhecendo o papel da mãe na vida de uma criança. Alguns participantes também demonstraram insegurança com relação à capacidade de criar os filhos sem a presença da genitora. Essa insegurança dos pais pode estar relacionada ao mito do amor materno que sugere a ideia de que o instinto da mãe é superior e insubstituível, que o afeto materno seria mais forte do que o paterno, e que está na natureza da mulher a habilidade de cuidar dos filhos, contudo, as potencialidades tanto do homem quanto da mulher podem ser desenvolvidas e transformadas em capacidades, e o homem pode também tornar-se apto a cuidar dos filhos (Schneebeli & Menandro,2012).

O pai também é capaz de executar todas as suas responsabilidades assim como a mãe e fornecer os cuidados para a criança, mesmo que em algumas situações a mãe possa permanecer como a figura principal de quem a criança prefere estar próxima, isso não está estabelecido como uma competência geneticamente programada (Berger & Gravillon; 2011 citado por Riecicova & Slezakova, 2014). Conforme Teyber (2007), citado em Riecicova e Slezakova (2014, p.381), as crianças que vivem com o pai são tão bem adaptadas quanto os filhos sob a guarda da mãe, e essa adaptação depende da capacidade do pai de prover uma paternidade efetiva e de sua capacidade de apoiar a relação da criança com sua mãe.

A maioria dos filhos afirmou que mantinha contato com a mãe biológica de forma esporádica, porém, na perspectiva dos pais, o vínculo afetivo foi enfraquecido. Alguns pais deixavam de incentivar a relação entre mãe e filhos por acreditarem que essa era uma iniciativa que deveria partir da própria mãe. Por sua vez, constatou-se que nas situações que as visitas aconteciam, as crianças gostavam de conviver com sua genitora, demonstrando que de alguma forma o vínculo afetivo estava preservado. Evidenciou-se também a sobrecarga emocional proveniente da ausência materna, sentimento também encontrado em outro estudo

no qual o grupo de pais pesquisado demonstrou que assumia todas as todas as tarefas, mesmo aquelas que eles consideravam que seriam da mãe (Vieira & Souza, 2010).

Já na pesquisa de Grzybowski e Wagner (2010) foram entrevistados seis pais e sete mães separados/divorciados, sendo que todas as mães tinham a guarda dos filhos e no caso dos pais, apenas um. As pesquisadoras relataram que as mães participantes demonstraram maior sobrecarga com a função parental após a separação, principalmente relacionada à guarda, constatando assim que a coabitação também trazia exigências e desafios maiores ao progenitor.

Assim, diferentemente da perspectiva dos pais, na visão da maioria das crianças, o afastamento da genitora não era motivo para que perpetuasse uma imagem negativa da mãe naquele momento. Contudo, em uma pesquisa realizada com 30 sujeitos que tinham os pais separados com idade entre 21 e 29 anos evidenciou-se que a redução acentuada no relacionamento com um dos genitores após a separação acarretou sentimentos e vivências de perda no relacionamento anos depois e aqueles que mantiveram um estreito contato com ambos, freqüentando as duas casas, mostraram menor desgaste emocional com o divórcio dos pais (Brito, 2007). Assim, apesar da maioria das crianças não ter verbalizado uma piora no relacionamento com a mãe após a separação dos pais, não significa que essa vivência não tenha afetado as crianças ou que isso não trará impactos emocionais futuramente. Considera-se que, na família que se organiza com essas duas figuras de referência para a criança, mesmo após a separação, a participação de ambos os pais na vida dos filhos, independentemente da organização posterior da família, é fundamental para seu desenvolvimento psicológico (Cezar-Ferreira & Macedo, 2016). Por outro lado, neste estudo, verificou-se que outras pessoas foram inseridas na vida das crianças que também se tornaram referências importantes, contribuindo para seu desenvolvimento.

5- Considerações Finais

A guarda paterna ainda é uma realidade pouco comum, uma vez que a mãe continua como preferida para ficar com os filhos após a separação do casal. Diante do surgimento de um novo pai, que além de se preocupar com as funções de prover e educar os filhos, tem demonstrado maior proximidade e expressões de afeto e carinho, percebeu-se que, cada vez mais, os pais têm manifestado o desejo de permanecer com os filhos após a ruptura conjugal.

Contudo, os motivos que levam os pais a ficarem com as crianças no contexto de separação parecem estar mais relacionados à falta de condições da genitora em determinado momento, após a separação, do que ao desejo de assumir mais diretamente os cuidados dos filhos. Apesar das mudanças de comportamento dos pais contemporâneos, ainda vivemos um período de transição, no qual os homens ainda permanecem com a ideia de que os filhos deveriam mesmo ficar com as mães, pelo simples fato de serem mães. Muitas características da paternidade tradicional ainda prevalecem, como a grande preocupação em prover a família, ser autoridade e ensinar valores. Assim, mesmo quando decidem se responsabilizar pelos cuidados das crianças, os pais recorrem à ajuda de uma figura feminina, seja a avó, a madrasta ou uma cuidadora, uma vez que se sentem inseguros e algumas vezes incapazes para assumir os cuidados sozinhos, porque precisam conciliar a rotina de cuidados com o trabalho.

Neste estudo os participantes destacaram a experiência positiva de ser pai enfatizando o quanto a paternidade proporcionou mudanças que contribuíram para o crescimento pessoal de cada um. Destacaram que sentiram uma responsabilidade maior a partir do momento que os filhos foram residir com eles e que, desde então, a prioridade passou a ser as crianças. A reorganização da rotina e a responsabilização pelos cuidados, devido ao afastamento da genitora, foram situações de grande impacto. Dentre as maiores preocupações eles destacaram a questão financeira, suprir a ausência materna e ter mais tempo para os filhos perante uma carga extensa de trabalho. Alguns desafios como a questão do gênero, conciliar o

trabalho/tempo/ cuidado com os filhos foram comuns nas famílias estudadas. Todavia, mesmo diante das adversidades enfrentadas nesse contexto, os pais fizeram uma autoavaliação positiva da paternidade e também reconheceram suas falhas expressando o desejo de serem pais melhores do que são.

Além de compreender como os pais vivenciaram a parentalidade após terem assumido os filhos depois da separação, quais os desafios enfrentados e as mudanças advindas desse contexto, essa pesquisa buscou apreender a percepção dos filhos, comparando-a a percepção dos pais. Portanto, ao considerar também o ponto de vista das crianças, este estudo contribuiu para a ampliação do conhecimento acerca de como os pais estão lidando com a responsabilidade pelos cuidados dos filhos após a separação, identificando aspectos da relação pai/filho, da rotina de cuidados, do estabelecimento de controle e limites, do apoio de terceiros e da participação da mãe biológica na vida dos filhos.

Verificou-se que a maioria das crianças contou a sua própria versão de como elas achavam que foram morar com o pai, mesmo aquelas que ainda eram muito pequenas. Muitas dessas histórias iam ao encontro daquelas relatadas pelos pais, uma vez que eles mesmos e os familiares informaram os filhos dos acontecimentos passados.

A maior proximidade no relacionamento também parece ter sido facilitada pelo fato de pais e filhos residirem na mesma casa, posto que a separação dos pais quase sempre resulta na diminuição da convivência do genitor que não coabita mais com o filho. As crianças também expressaram que se sentiam próximas de seus genitores, descrevendo características próprias da relação e aquelas que facilitavam e dificultavam o relacionamento.

Em relação à rotina de cuidados os pais relataram que sem o apoio de terceiros seria difícil conciliar a rotina de trabalho com os cuidados dos filhos, fortalecendo os resultados dos estudos que indicaram que após a separação, o novo cônjuge e a família extensa, principalmente a avó, mostram-se como essenciais no auxílio dos cuidados e na participação

da educação das crianças. As crianças, por sua vez, confirmaram os relatos dos pais a respeito do papel fundamental da madrasta e da avó nos cuidados em relação à saúde, à escola, à alimentação e ao lazer. Dessa forma, constatou-se que a participação dessas figuras, que também funcionavam como fonte de apoio emocional e se engajavam nas atividades e interações com as crianças, também favoreciam experiências fomentadoras para o desenvolvimento.

Considera-se que nem sempre a separação comprometerá de forma negativa o desenvolvimento futuro dos filhos, uma vez que as famílias que são comprometidas com o bem-estar das crianças poderão favorecer a construção de novos relacionamentos e mudanças positivas no curso do desenvolvimento dessas. Neste estudo, isso pôde se verificar tanto para os pais como para as crianças, a casa do pai, situada como o microssistema principal de relações da criança, encorajou e proporcionou interações cotidianas próximas e significativas, possibilitando os processos proximais de modo a promover a adaptação advinda da separação e o desenvolvimento dos pais e dos filhos.

Percebeu-se a dificuldade de participação das mães biológicas na vida das crianças e um dos motivos que pode ter contribuído pode ter sido o fato delas não residirem com os filhos, assim como ocorre comumente com o pai quando a guarda é materna. Outras variáveis que podem estar relacionadas a esse afastamento são a condição socioeconômica e a dependência química, apontada pelos pais. Constatou-se que a participação da mãe era compreendida de forma mais negativa pelos pais do que pelos próprios filhos. Os genitores consideraram que as mães deveriam participar mais, ajudar mais, conviver mais e ser mais afetivas com as crianças. Já a maioria dos filhos, apesar de reconhecerem que conviviam pouco com suas genitoras por meio de visitas esporádicas, não mantinham uma imagem negativa da figura materna e consideraram que o relacionamento com a mãe era bom. Essas duas perspectivas ressaltam a importância de se compreender a vivência familiar

considerando o ponto de vista de todos os seus membros. Postura importante para os profissionais que trabalham com o tema.

Como limites deste estudo pode-se apontar a complexidade do instrumento aplicado para o levantamento dos Contextos Ecológicos e suas inter-relações. O instrumento objetivava investigar o campo fenomenológico da pessoa tendo como base a teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner. Tal complexidade justificou a escolha da faixa etária dos filhos (entre nove e doze anos) visto que crianças menores não conseguiriam compreender o instrumento. Contudo, mesmo assim, apesar da linguagem ter sido adaptada, em alguns momentos muitas crianças e até mesmo os pais, tiveram dificuldade para compreender as questões, principalmente no que diz respeito a interinfluência dos microssistemas. Assim, as crianças, por muitas vezes, optaram por dizer que não sabiam responder, comprometendo a coleta de algumas informações. Assim, a análise do elemento mesossistema não pôde ser realizada de forma mais aprofundada. Em virtude do curto período de tempo para a coleta de dados o elemento tempo também não pôde ser explorado, uma vez que seria interessante um acompanhamento longitudinal das famílias a fim de conhecer como as interações e mudanças acontecem no curso do desenvolvimento.

Por se tratar de um estudo qualitativo, com número reduzido de participantes, considera-se importante também que um número maior de pais tenha a oportunidade de expor suas vivências acerca do exercício parental no contexto da separação e divórcio nas situações nas quais os filhos permaneceram com eles. E que mais pesquisas possam incluir também o ponto de vista dos filhos para que eles possam revelar seus sentimentos e percepções sobre a experiência de residir com os pais após a separação. A produção de conhecimento acerca desse tema poderá auxiliar tanto os juízes das Varas de Família, ao tomarem suas decisões, quanto os profissionais psicólogos e assistentes sociais que atuam com famílias disputando a

guarda dos filhos, considerando que, mesmo diante da regra da guarda compartilhada, a residência dos filhos ainda é preferencialmente a da mãe.

6- Referências Bibliográficas

Amazonas, M. C. L.A., & Braga, M.G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 177-191.

Alves, A.P., Arpini, D. M. (2017).O recasamento: o papel da madrasta e sua relação com os enteado.*Contextos Clínicos*, 10(2):185-196

Alves, A. P., Arpini, D. M., Cúnico, S.D. (2014). O exercício dos papéis parentais na guarda compartilhada. *Psicologia Argumento*, 32(79), 61-70.

Arpini, D. M., Cúnico, S.D., & Alves, A. P. (2016). Paternidade: O Ponto de Vista de Profissionais Que Atuam em Varas de Família. *Pensando familias*, 20(1), 29-42.

Avena, M.A., Rabinovich, E.P. (2016). Família, Paternidade, Parentalidade. In L.C.V.,Moreira, E.P., Rabinovich & P.C.S.V., Zucoloto (Orgs.). *Paternidade na sociedade contemporânea.* (Cap. 4, pp.65-79). Curitiba: Juruá

Bandeira, T.T.A., & Seidl-de-Moura, M.L. (2012). Crenças de pais e mães sobre investimento parental. Paidéia: 22(53), 355-363.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Barroso, R. G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.

Bastaits, K. & Mortelmans, D. (2016). Parenting as Mediator Between Post-Divorce Family Structure and Children's Well-being. *J Child Fam Stud.* 25:2178–2188. doi 10.1007/s10826-016-0395-8

Bastaits, K., Ponnet, K. & Mortelmans, D.(2012). Parenting of Divorced Fathers and The Association with Children's self-Esteem. J *Youth Adolescence*. 41:1643–1656. doi 10.1007/s10964-012-9783-6

Borges, I. C. N. (2010). *Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Borsa, J.C. & Nunes, M.L.T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicol.Argum*. 29 (64), 31-39.

Bottoli,C. (2010) *Paternidade e separação conjugal: a perspectiva do pai (*Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10294/BOTTOLI%2C%20CRISTIANE.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Botton, A., Cúnico, S.D., Barcinski, M., & Strey, M.N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando familias*,*19*(2), 43-56.

Brasil. (2002). *Código Civil Brasileiro*. Brasília: Presidência da República. Recuperado de https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70327/C%C3%B3digo%20Civil%202%20ed.pdf

Brito, L. M. T. (2014). Rupturas familiares: Olhares da Psicologia Jurídica. In D. M. Arpini, & S.D. Cúnico (Orgs.). *Novos olhares sobre a família: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos* . (1a ed.,Cap.1, pp.11-26). Curitiba: CRV

Brito, L. M. T., Cardoso, A. R., & Oliveira, J. D. G. (2010). Debates entre pais e mães divorciados: um trabalho com grupos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *30*(4), 810-823. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000400011

Bronfenbrenner,U. (1979). *The ecology of human development.* United States: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. (A. Carvalho-Barreto,Trad). Porto Alegre: Artmed

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006).The bioecological model of human development. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: theoretical models of human development* (pp. 793-828). New York: John Wiley & Sons.

Câmara, R. H.; (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 179-191.

Cancian, M., Meyer, D.R., Brown, P.R., & Cook, S.T. (2014). Who Gets Custody Now? Dramatic Changes in Children's Living Arrangements After Divorce.Demography: 51:1381–1396 . DOI 10.1007/s13524-014-0307-8

Carvalho, A.B., Fontoura, C.S., & Moreira, L.V.C. (2013). Maternidade e Paternidade Contemporâneas. In L.V.C., Moreira (Org.) *Psicologia, Família e Direito*. (Cap.19, pp.327-337). Curitiba: Juruá.

Cezar-Ferreira, V.A.M. & Macedo, R.M.S. (2016). *Guarda Compartilhada: uma visão psicojurídica*. Porto Alegre: Artmed

Cohen, O., Finzi-Dottan, R. & Tangir-Dotan, G. (2014) The Fatherhood Experience of Divorced Custodial Fathers in Israel. *Family Relations*, 63, 639-653.

Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.

Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando familias*, *17*(1), 28-40.

Cúnico, S.D., & Arpini, D. M.. (2014). Não basta gerar, tem que participar?: um estudo sobre a ausência paterna.*Psicologia: Ciência e Profissão*,*34*(1), 226-241.

Damiani, C. C., & Colossi, P. M. (2015). A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. *Pensando familias*, 19(2), 86-101.

Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T.(2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*: 14(29), 347-357.

Denardi, A.T., & Bottoli, C. (2017). E quando não é a mãe? A paternidade diante da monoparentalidade. *Barbarói*, n.49, p.120-146.

Dessen, M.C., Silva, S.C., & Dessen. M.A. (2011). Pesquisa com família: integrando métodos quantitativos e qualitativos. In L.N.D.,Weber & M.A. Dessen. P*esquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*. (pp. 19-30). Curitiba: Juruá

Gabriel, M.R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *16*(3), 253-261.

Goetz, E.R., & Vieira, M.L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. Estudos de Psicologia: 26(2), 195-203.

Gorin, M.C (2015). *A parentalidade no pós-divórcio* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26096/26096.PDF

Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP* , 16(2), 3-15.

Gil, A. (2009). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Grisard Filho, W. (2010). *Guarda Compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

Grzybowski, L. S. (2007). *Parentalidade em tempos de mudança: Desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/945/1/392216.pdf

Grzybowski, L. S. (2011). Ser Pai e Ser Mãe: como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio?. In A., Wagner. *Desafios Psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (Cap. 7, pp.112-122).Porto Alegre: Artmed.

Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio.Psicologia: *Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77-87.

Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210.

Hoghughi, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds). *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). London: Sage

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014). Estatísticas do Registro Civil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).v41.Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2014/

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *Estatísticas do Registro Civil*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).v42. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2015_v42.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Estatísticas do Registro Civil*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, v. 43, p. 1-8. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf

Isotton, R. (2011). *Paternidade em famílias pós divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, Brasil. Recuperado de http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3997/RogerioIsotton.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Isotton, R., & Falcke, D. (2014a). Quando um dos genitores detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa?. *Pensando Famílias*: 18(1), 92.106.

Isotton, R., & Falcke, D. (2014b). Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos. *Revista Subjetividades, 14*(3), 486-498.

Jablonski, B. (2010) . A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30 (2), 262-275.

Kostulski, C.A., Christofari, G.C., Bloss, G.M., Arpini, D.M., & Paraboni, P. (2017). Coparentalidade em famílias pós-divórcio: uma ação desenvolvida em um núcleo de práticas jurídicas. *Pensando Famílias*: 21(2),105-107.

Lamb, M.E (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*: 1(X), 19-34.

Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2016). Typologies of Post-divorce Coparenting and Parental Well-Being, Parenting Quality and Children's Psychological Adjustment. *Child Psychiatry Hum Dev* . 47:7, 16–728. doi 10.1007/s10578-015-0604-5

Lei Nº 13.058, de 22 de dezembro de 2014. Altera os arts. 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), para estabelecer o significado da expressão "guarda compartilhada" e dispor sobre sua aplicação. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13058.htm

Leite, A.F.D. (2015). *Primazia da guarda materna e a dimensão histórico-social criada em torno das funções parentais* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17752/1/Aline%20Ferreira%20Dias%20Leite.pdf

Magalhães, A. S. (2007). Novos arranjos familiares: Qual é o papel do pai na família contemporânea? *IHU on-line*, 230, 10-11. Recuperado de http://www.ihuonline.unisinos.br/index.phpoption=com_content&view=article&id=1184&secao=230

Maretto, J.F.R. (2015). *Perspectiva de futuro, projeto de vida e contextos significativos para adolescentes acolhidos institucionalmente* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil.

McBroom, L. A. (2011) Understanding postdivorce coparenting families: Integrative literature review. *Journal of the American Academy of Nurse Practitioners 23.* 382–388. doi: 10.1111/j.1745-7599.2011.00622.x

McGill, B.F. (2014). Navigating New Norms of Involved Fatherhood: Employment, Fathering Attitudes, and Father Involvement. *Journal of Family Issues* .Vol. 35(8) 1089-1106.

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: S.H. Koller (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Novo, M., Quinteiro, I., Vázquez, M.J. (2013). ¿Cómo motivan los jueces la capacidad de los progenitores en las resoluciones judiciales?. *Anuario de Psicología Jurídica*: (23)pp. 47-51.

Ramires, V.R.R. (2014). A paternidade na contemporaneidade. In: D. M. Arpini, & S.D. Cúnico (Orgs.), *Novos Olhares sobre a família: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos*. (1a ed.,Cap.2, pp.27-38). Curitiba: CRV

Reis, E. F. (2010). *Varas de família – Um encontro entre Psicologia e Direito*. Curitiba: Juruá.

Resolução Nº 510, de 07 abril de 2016. Esta resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Recuperado de http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf

Riecicová, E., & Slezakóvá, S. (2014). The role of the father in childcare. *Wychowanie w Rodzinie*: 2, 375-383. Doi: 10.23734/wwr20142.375.383.

Rosa, E. M., & Tudge, J.R.H. (no prelo). Teoria bioecológica do desenvolvimento humano: considerações metodológicas.In A.C.G. Dias & E. M. Rosa (Eds), *Metodologias de Pesquisa e Intervenção para Crianças, Adolescentes e Jovens*. Vitória: UFES Editora.

Rosa, E. M., & Tudge, J.R.H. (2016). "Bioecological Theory". In The SAGE Encyclopedia of Contemporary Early Childhood Education. *SAGE Publications*,153-156.

Santos, M. M. S., (2013). *Os efeitos do divórcio na família com filhos pequenos*. O portal dos psicólogos. O portal dos psicólogos, 1-16. Recuperado de http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0342.pdf

Sarti, A. S.(2003). Famílias Enredadas. In A.R., Acosta, & M.A F., Vitale (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas* (pp.31-46).São Paulo: IEE.

Schneebeli, F. C. F., & Menandro, M. C. S. (2014). Com quem as crianças ficarão?: Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal.*Psicologia & Sociedade*,*26*(1), 175-184.

Souza, A.B.L.S., Beleza, M.C.M., & Andrade, F.R.C. (2012) Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 5(5), 105-119.

Souza, K.S.M., Smeha, L.N., & Arend, J.C (2012). A relação entre pai e filho(s) após a separação conjugal. *Barbarói*, 37(2), 7-29, jul./dez.

Staudt, A.C.P. (2007) *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade.* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J.S.N.F. (2008) Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *PSICO*, 39(1), pp. 74-82, jan./mar.

Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In L. Moreira, & A.M.A., Carvalho (Eds), *Família e educação: olhares da psicologia* (pp.211-231). São Paulo, SP: Paulinas.

Tudge, J.R.H., Morkova, I., Hatfield, B.E., & Karnik, R.B. (2009) Uses and Misuses of Bronfenbrenner´s Bioecological Theory of Human Development. *Journal of Family Theory & Review*. 198-210.

Vieira, E.N., & Souza, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*: 4(XXVIII), 581-596.

Warpechowski, A., & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, *20*(1), 247-260.

7- Apêndices

Apêndice I

Entrevista Roteiro Semiestruturado

Caracterização do pai participante:

Nome: _____

Cidade e estado de domicílio: _____

Idade: _____

Estado civil:

( ) solteiro

( ) casado

( ) união estável

( ) separado/divorciado

( ) viúvo

( ) outro. Qual? _____

Escolaridade: _____

Qual a sua etnia?

( ) branca

( ) amarela

( ) parda ou mulata

( ) negra

( ) índia

Você tem orientação religiosa? Qual?

( ) Sim. Qual? _____ ( ) Não.

Profissão atual _____

Renda Familiar:_____ (soma total dos ganhos da família)

( ) de 1 à 3 salários mínimos

( ) de 3 à 6 salários mínimos

( ) de 6 à 9 salários mínimos

( ) de 9 à 12 salários mínimos

( ) de 12 à 15 salários mínimos

( ) mais do que 15 salários mínimos

Questões sobre a paternidade

- O que é ser pai para você?
- Como você exercia sua paternidade durante o casamento? (explorar que atividades realizava com as crianças, quais suas principais responsabilidades com os filhos)
- Como era a divisão de papéis em relação à(s) criança(s) durante a união?
- Descreva como era sua rotina em um dia da semana nessa época.
- Descreva como era a rotina nos finais de semana.
- Como foi o processo de separação?
- Como se deu a decisão sobre a guarda dos filhos?
- Como você exerceu sua paternidade após a separação? (avaliar se algo mudou na rotina pelo fato de ter ficado com a guarda dos filhos)
- Como você se avalia como pai no presente momento?

Relação pai/ mãe

- Como a mãe participa na vida do(s) filho(s) ? Essa participação influencia a forma como você exerce a paternidade?
- Como você percebe sua relação com a mãe do (s) seu(s) filho(s) no presente momento?
- Como você acha que a mãe do seu filho avalia você como pai?

Apêndice II

Instrumento para Levantamento dos Contextos Ecológicos e suas Inter-relações: Uma aplicação do Modelo PPCT com o pai

Denominado de Mapa dos Contextos Ecológicos o instrumento operacionaliza o estudo dos processos de desenvolvimento de pessoas ou grupos propondo a montagem de seu campo fenomenológico. Assim a pessoa será questionada a respeito dos seus ambientes ecológicos, sendo que "a casa do pai" será considerado o contexto principal de onde se ramificará toda a investigação. Esta opção se fundamenta na ideia de que somos seres sociais e formamos nossa identidade nos grupos sociais.

Representação dos Microssistemas

Contextos

O microssistema de interesse, qual seja,"a casa do pai", será considerado central e a partir do qual os outros contextos serão nomeados pelo participante.

Os contextos serão representados por círculos que posteriormente serão diferenciados conforme sua importância. O pesquisador solicitará ao participante para que ele especifique quais os contextos mais significativos e estes ficarão dispostos em torno do microssistema principal de interesse. A ordem com a qual os contextos são citados será registrada e será solicitado ao participante que numere em ordem de importância para ele. Após a representação dos contextos o pesquisador pedirá que o participante o descreva considerando:

→ se existe um ambiente físico que representa o contexto (ou onde a relação citada acontece)

→ em caso afirmativo, como ele é (ambiente físico),

→ quantas pessoas fazem parte desse ambiente (ambiente social),

→ porque é um contexto que o participante considera importante.

Assim sucessivamente até o último contexto considerado pelo participante.

No Caso do levantamento a respeito da relação com os filhos no contexto familiar em que pai e filhos residem na mesma casa, as perguntas realizadas serão as seguintes:

- Como você descreveria seu(s) filhos(s)? (fisicamente, "jeito de ser", de pensar, de se comportar)

- Que características (físicas, “jeito de ser”, de pensar, de se comportar) você acha que eles possuem que facilitam a relação entre vocês? E tem alguma que você acha que dificulta a relação entre vocês? (questionar para cada criança)
- Quais atividades você realiza junto com seus filhos; o que fazem juntos?
- Você se sente próximo dos seus filhos? Que acontecimentos ou aspectos da sua relação com eles fazem com que você faça essa avaliação?
- Você acha que eles sentem o mesmo a seu respeito? Que acontecimentos te fazem pensar assim?
- O que mudou na sua relação com eles ao longo do tempo?
- O que mudou na sua relação com eles após a separação?
- Você compartilha situações da sua vida com seus filhos hoje que você não compartilhava antes?
- Como você acha que a relação com seus filhos afeta sua vida e quem você é?

Mais especificamente em relação às práticas cotidianas com seus filhos:

- Em que situações você coloca limites para as crianças? De que forma?
- Como as crianças reagem quando você impõe limites?
- Como você lida com a reação das crianças?
- Quando seus filhos tem dificuldade em alguma situação (escolar, comunitária); Quem eles procuram para conversar sobre isso? Você conversa com eles sobre isso? De que forma?
- Como é a saúde das crianças?
- Quando as crianças ficam doente, a quem recorre? Como elas agem, nesses momentos? Como você lida com elas nesses casos?
- As crianças se acalmam com qualquer pessoa ou tem preferência por alguém?
- Ao longo do desenvolvimento das crianças, quais os principais desafios que se apresentaram a partir do momento que elas passaram a morar com você. Como você lidou com essas questões?

Relações significativas, atividades realizadas junto às pessoas em outros contextos– processos proximais

Investigar as relações mais significativas presentes em cada contexto. Esta investigação pode ser realizada a partir de algumas perguntas:

- De quem você é mais próximo, nesse contexto (pode citar mais de uma pessoa e perguntar de quem ela gostaria de falar primeiro)?
- Como você descreveria essa(s) pessoa(s)? (fisicamente, “jeito de ser”, de pensar, de se comportar, descrever uma de cada vez)
- Desde quando essa pessoa faz parte da sua vida e quando passou a ser mais importante para você?
- Que características (físicas, “jeito de ser”, de pensar, de se comportar) você acha que ela possui que facilitam a relação entre vocês? E tem alguma que você acha que dificulta a relação entre vocês?
- que atividades você realiza junto com essa pessoa; o que fazem juntos?
- com que frequência vocês se encontram e compartilham momentos juntos?
- O que aconteceu na sua relação com esta pessoa que permitiu que você se sentisse próxima dela hoje?
- Você compartilha situações da sua vida com seus filhos com esta pessoa?
- Você acha que a relação com essa pessoa afeta sua vida e a sua relação com seus filhos ? De que forma

Investigar se além da primeira pessoa citada o participante gostaria de incluir mais alguém do contexto e fazer o mesmo questionamento.

Mesossistema

Completada a representação dos contextos e o levantamento das pessoas significativas em cada um deles, o pesquisador deverá investigar o quanto e como cada contexto influencia o outro. Assim, o pesquisador começará sua investigação a partir do microssistema central dizendo:

Eu gostaria de saber agora como os ambientes que fazem parte da sua vida se relacionam uns com os outros. Começando pelo ambiente principal (família paterna).

- Quais outros ambientes aqui indicados, interagem ou afetam de alguma forma o ambiente da sua família? Ou: você acha que as relações que você estabelece com seus filhos na família são afetadas pelas relações que você tem em algum desses outros contextos (escola, religião, amigos)? De que forma?
- Que situações acontecem em um contexto que interferem no outro? Dê alguns exemplos.
- Que pessoas de cada ambiente participam dessas interações?

- Como essa interferência afeta você?
- Como afeta sua relação com seus filhos?

A relação mais forte será visualizada no Mapa por um traço forte entre os círculos. O traço menos forte, entre os contextos representará a menor influência entre os contextos. O pesquisador deverá investigar a direção da influência indicando com setas. A investigação se dará para todos os contextos citados pelo participante.

Características das Pessoas;

Perguntar para cada contexto:

- Que características suas, no seu jeito de se comportar, no seu jeito de sentir e pensar, você acredita que facilitam suas relações na família e com seus filhos (perguntar para cada contexto e para cada pessoa citada): (Ex: família, amigos, religião)
- Que características suas você acredita que dificultam suas relações na família e com seus filhos (perguntar para cada contexto e para cada pessoa citada).
- Você acha que suas relações no ambiente familiar onde você reside com seus filhos (perguntar para cada contexto) mudaram algo em você nos últimos anos (nas características pessoais, percepção de si, valores, habilidades)?
- O que você acha que fez com que essas mudanças acontecessem?
- Que pessoas ou contextos destes citados mais contribuíram para que essas mudanças ocorressem?
- Como essas pessoas ou contextos que fazem parte da sua vida contribuíram para que essas mudanças acontecessem? Dê exemplos.

Apêndice III

Instrumento para Levantamento dos Contextos Ecológicos e suas Inter-relações: Uma aplicação do Modelo PPCT com a criança

Aproximação com a criança para a aplicação do instrumento:

Eu sou Carolina, sou psicóloga, e estou realizando uma pesquisa sobre as famílias nas quais os filhos residem com os pais. Eu estou conversando com várias famílias e entrevistando crianças para conhecer um pouco melhor sobre a opinião delas a respeito dessa situação. Então, eu vou te fazer algumas perguntas sobre como você percebe a sua família e como se sente morando com o seu pai. Não existem respostas certas ou erradas, o que eu quero conhecer é a sua opinião e como você se sente (Apresentação do Termo de Assentimento).

Caracterização do participante:

Nome:_____

Cidade e estado de domicílio: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Representação dos Microssistemas

Contextos

O microssistema de interesse, qual seja,"a casa do pai", será considerado central e a partir do qual os outros contextos serão nomeados pelo participante.

Os contextos serão representados por círculos que posteriormente serão diferenciados conforme sua importância. O pesquisador solicitará ao participante para que ele especifique quais os contextos mais significativos e estes ficarão dispostos em torno do microssistema principal de interesse. A ordem com a qual os contextos são citados será registrada e será solicitado ao participante que numere em ordem de importância para ele. Após a representação dos contextos o pesquisador pedirá que o participante o descreva considerando:

→ se existe um ambiente físico que representa o contexto (ou onde a relação citada acontece)

→ em caso afirmativo, como ele é (ambiente físico),

→ quantas pessoas fazem parte desse ambiente (ambiente social),

→ porque é um contexto que o participante considera importante.

Assim sucessivamente até o último contexto considerado pelo participante.

No caso do levantamento a respeito da relação dos filhos com o pai no contexto familiar em que pai e filhos residem na mesma casa, as perguntas realizadas serão as seguintes:

- Como você descreveria seu pai? (fisicamente, "jeito de ser", de pensar, de se comportar)
- Você poderia me falar sobre seu relacionamento com seu pai?
- Que características (físicas, "jeito de ser", de pensar, de se comportar) você acha que ele possui que facilitam a relação entre vocês? E tem alguma que você acha que dificulta a relação entre vocês?
- Você se sente próximo do seu pai? Que acontecimentos ou aspectos da sua relação com ele fazem com que você faça essa avaliação?
- Você acha que ele sente o mesmo a seu respeito? Que acontecimentos te fazem pensar assim?
- O que mudou na sua relação com ele ao longo do tempo?
- O que mudou na sua relação com ele após você vir morar com ele?
- Você compartilha situações da sua vida com seu pai hoje que você não compartilhava antes?
- Como você acha que a relação com seu pai afeta sua vida e quem você é?

Mais especificamente em relação as práticas cotidianas com seu pai:

- Vocês fazem atividades juntos (passear, assistir televisão, filme, tarefas escolares, etc)? Com que frequência?
- Me conte um pouco sobre como é quando vocês estão realizando essas atividades.
- O que você mais gosta de fazer junto com o seu pai?
- Seu pai acompanha as atividades que você desenvolve fora de casa? (escola, cursos, lazer) De que forma?

- O que acontece quando você fica doente?
- O seu pai briga com você? Em quais situações?
- Seu pai te corrige quando você desobedece ou realiza algum comportamento considerado por ele “errado”? O que ele faz?
- Como tem sido para você morar com seu pai?
- Como foi que você veio morar com ele?
- Você mudaria alguma coisa na relação que tem com seu pai se pudesse? Tem algo que gostaria que fosse diferente?
- Há alguma outra pessoa que ajuda o seu pai a cuidar de você? Quem e de que forma?

Relações significativas, atividades realizadas junto às pessoas em outros contextos– processos proximais

Investigar as relações mais significativas presentes em cada contexto. Esta investigação pode ser realizada a partir de algumas perguntas:

- De quem você é mais próximo, nesse contexto (pode citar mais de uma pessoa e perguntar de quem ela gostaria de falar primeiro)?
- Como você descreveria essa(s) pessoa(s)? (físicamente, “jeito de ser”, de pensar, de se comportar, descrever uma de cada vez)
- Quais características (físicas, “jeito de ser”, de pensar, de se comportar) você acha que ela possui que facilitam a relação entre vocês? E tem alguma que você acha que dificulta a relação entre vocês?
- Quais atividades você realiza junto com essa pessoa; o que fazem juntos?
- Com qual frequência vocês se encontram e compartilham momentos juntos?
- Desde quando essa pessoa faz parte da sua vida e quando passou a ser mais importante para você?
- O que aconteceu na sua relação com esta pessoa que permitiu que você se sentisse próxima dela hoje?
- O que mudou na sua relação com ela ao longo do tempo?
- Você compartilha situações da sua vida com esta pessoa hoje que você não compartilhava antes?
- Você compartilha situações da sua vida com seu pai com esta pessoa?
- Como você acha que a relação com essa pessoa afeta sua vida e quem você é?

- Você acha que a relação com essa pessoa afeta sua vida com seu pai? De que forma?

Investigar se além da primeira pessoa citada o participante gostaria de incluir mais alguém do contexto e fazer o mesmo questionamento.

Características das Pessoas;

Perguntar para cada contexto:

- Que características suas, no seu jeito de se comportar, no seu jeito de sentir e pensar, você acredita que facilitam suas relações na família e com seu pai (perguntar para cada contexto e para cada pessoa citada): (Ex: contexto- família, amigos, religião/ Pessoas: pai, mãe, avó)
- Que características suas você acredita que dificultam suas relações na família e com seu pai (perguntar para cada contexto e para cada pessoa citada).
- Você acha que suas relações no ambiente familiar onde você reside com seu pai (perguntar para cada contexto) mudaram algo em você nos últimos anos (nas características pessoais, percepção de si, valores, habilidades)?
- O que você acha que fez com que essas mudanças acontecessem?
- Que pessoas ou contextos destes citados mais contribuíram para que essas mudanças ocorressem?
- Como essas pessoas ou contextos que fazem parte da sua vida contribuíram para que essas mudanças acontecessem? Dê exemplos.
- Quando você tem alguma dificuldade ou precisa resolver algum problema, quem você procura para conversar?
- E quando você precisa ou quer falar sobre seus sentimentos quem você procura?

Mesossistema

Completada a representação dos contextos e o levantamento das pessoas significativas em cada um deles, o pesquisador deverá investigar o quanto e como cada contexto influencia o outro. Assim, o pesquisador começará sua investigação a partir do microssistema central dizendo:

Eu gostaria de saber agora como os ambientes que fazem parte da sua vida se relacionam uns com os outros. Começando pelo ambiente principal (casa do pai).

- Quais outros ambientes aqui indicados, interagem ou afetam de alguma forma o ambiente da sua família? Ou: você acha que as relações que você estabelece com seu pai são afetadas pelas relações que você tem em algum desses outros contextos (escola, religião, amigos)?De que forma?
- Que pessoas de cada ambiente participam dessas interações?
- Que situações acontecem em um contexto que interferem no outro? Dê alguns exemplos.
- Como essa interferência afeta você? Como afeta sua relação com seu pai?

A relação mais forte será visualizada no Mapa por um traço forte entre os círculos. O traço menos forte, entre os contextos representará a menor influência entre os contextos. O pesquisador deverá investigar a direção da influência indicando com setas. A investigação se dará para todos os contextos citados pelo participante.

Apêndice IV

CARTA DE APRESENTAÇÃO E APROVAÇÃO DA PESQUISA JUNTO À INSTITUIÇÃO

Ao Juiz Diretor do Fórum da Comarca de Vila Velha/ES
Dr. Idelson Santos Rodrigues

Vimos, por meio desta apresentar o Projeto de Mestrado intitulado: "A parentalidade paterna no contexto de separação conjugal: quando os filhos residem com o genitor" e solicitar sua autorização para a coleta de dados nesta instituição, com as crianças e seus responsáveis, envolvidos em processos judiciais das Varas de Família deste Fórum. Esta pesquisa tem por objetivo analisar a parentalidade paterna no contexto de separação conjugal no qual os filhos residem com o genitor, conhecendo como é experienciada a parentalidade paterna nessa situação, identificando as possíveis diferenças de percepção acerca da parentalidade paterna sob o ponto de vista do pai e do filho. Além de destacar os desafios enfrentados pelo pai para exercer a parentalidade considerando a percepção do próprio pai e do filho.

A entrevista será realizada com aplicação de roteiro de entrevista, individualmente, após a assinatura do termo de consentimento das crianças e de seus responsáveis. A aplicação do instrumento ocorrerá nas dependências do Fórum. As informações obtidas na pesquisa serão mantidas em sigilo e terão caráter confidencial, dessa forma, não poderão ser requeridas ou utilizadas para instrução nos processos ou para outros fins judiciais. Da mesma, forma, a identificação dos participantes não será exposta nas conclusões ou publicações do trabalho.

Ficaremos grata em caso de anuência para a realização da pesquisa na referida instituição.

Carolina Corrêa Vilaça	Profa.Dra. Célia Regina Rangel Nascimento
(Pesquisadora Responsável)	(Orientadora)

Eu _____ na figura de representante da referida instituição, autorizo a realização da pesquisa nas instalações e a participação das crianças e seus responsáveis, sendo a participação voluntária estabelecida via assinatura dos Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido.

_____

Diretor da Instituição

Apêndice V

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL DE DO DESENVOLVIMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Convidamos você, junto com seu (a) filho(a), a participar da pesquisa de Mestrado em Psicologia, com o título: **"A parentalidade paterna no contexto de separação conjugal quando os filhos residem com o genitor"**, que será realizada por mim, Carolina Corrêa Vilaça, sob orientação da Prof[a]. Dr[a]. Célia Regina Rangel Nascimento.

Informações sobre o projeto:

Objetivo geral da pesquisa: No contexto de separação no qual o pai é o principal responsável pelos cuidados dos filhos observou-se que ainda existe pré-conceito e resistência da sociedade sobre o genitor assumir esse papel. A principal questão diz respeito à competência do pai para ocupar essa função, que por muito tempo foi considerada como dever e prioridade da mãe. Assim, o objetivo dessa pesquisa é descrever como é experienciada a parentalidade paterna no contexto da separação conjugal a partir da perspectiva do pai e dos filhos.

Método: Será aplicado o roteiro de entrevista da pesquisa com perguntas sobre seu cotidiano com seu filho para avaliar a parentalidade após a separação e um instrumento que permitirá conhecer os principais ambientes, grupos e pessoas que fazem parte da sua vida e são considerados significativos na sua relação com seu filho. A entrevista e a aplicação dos instrumentos terão duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos e serão aplicados nas dependências do Fórum de Vila Velha ou em sua residência. Tudo será gravado para melhor aproveitamento das informações obtidas.

Riscos e Benefícios: Considera-se que a pesquisa apresenta riscos mínimos a você, na medida em que falar sobre determinado assunto poderá gerar algum desconforto para a criança. No entanto, diante de qualquer alteração emocional percebida pela pesquisadora, a atividade será interrompida e você receberá suporte emocional imediato. Vocês poderão se beneficiar da pesquisa tendo em vista a possibilidade oferecida para falarem sobre suas vivências, experiências e desafios trazidos por esse contexto. Do mesmo modo poderão se beneficiar de orientações psicológicas fornecidas pela pesquisadora após a aplicação dos instrumentos, mediante sua solicitação. A pesquisa também poderá contribuir de forma a minimizar a resistência da sociedade e do judiciário acerca da competência do pai para assumir os cuidados dos filhos ajudando futuramente nas decisões dos magistrados relacionadas à guarda compartilhada com fixação da residência na casa do pai ou à guarda unilateral paterna.

Garantias:

a) A participação na pesquisa não será remunerada, entretanto, caso haja despesa para participar da pesquisa haverá ressarcimento.

b) Vocês terão direito a quaisquer informações ao longo da pesquisa;

c) Vocês poderão retirar o consentimento e se desligar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos para a criança ou adolescente;

d) As informações obtidas na pesquisa serão mantidas em sigilo e terão caráter confidencial e a sua identificação não será exposta nas conclusões ou publicações do trabalho;

e) As informações obtidas na pesquisa não poderão ser requeridas ou utilizadas para instrução nos processos ou para outros fins judiciais.

f) Em caso de dano decorrente da pesquisa será garantido a você o direito a buscar indenização;

g) Esse termo será redigido em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pela pesquisadora e por você que receberá uma delas.

Outros esclarecimentos:

- Em caso de dúvidas ou para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, o participante poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (27) 996065094 ou pelo email carolinacvilaca@gmail.com ;

- Em caso de denúncias e/ou intercorrências na pesquisa o participante poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 ¿ Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Consentimento:

Eu _____, declaro que compreendi o teor do presente documento e que haverá gravação da entrevista apenas para transcrição, aceito participar, e autorizo o meu (minha) filho(a) a participar de da pesquisa de forma voluntária e recebi uma via do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinada pela pesquisadora.

Vila Velha, ES, ____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do Participante

_____

Carolina Corrêa Vilaça

Mestranda do PPGP

Apêndice VI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL DE DO DESENVOLVIMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Convidamos você, junto com seu responsável, a participar de uma pesquisa, meu nome é Carolina Corrêa Vilaça e eu sou psicóloga. Estou aqui para entender como você se sente morando com o seu pai após a separação de seus pais. Gostaria que você respondesse algumas perguntas sobre o que você pensa e como se sente morando com o seu pai.

I. Informações sobre o projeto:

Título da pesquisa: "A parentalidade paterna no contexto de separação conjugal quando os filhos residem com o genitor".

Orientadora: Célia Regina Rangel Nascimento

Método: A sua participação será responder algumas perguntas sobre como você percebe a sua família e como se sente morando com o seu pai. Essas perguntas buscam conhecer quais os principais ambientes, grupos e pessoas que fazem parte da sua vida e são considerados significativos na sua relação com seu pai.

Qual a importância da pesquisa? Com essa pesquisa nós pretendemos compreender como você se sente morando com o seu pai após o divórcio de seus pais e o impacto que isso teve em sua vida. Dessa forma, poderemos ajudar outras crianças que estão passando pela mesma situação que você.

Quais são os seus direitos? Você é quem decide sobre a participação nessa pesquisa. Você só participará se quiser. Se decidir não participar da pesquisa é seu direito e nada ocorrerá. Você pode me perguntar agora ou depois sobre dúvidas quanto à pesquisa.

Quais são os riscos e os benefícios de participar desta pesquisa? A pesquisa apresenta riscos mínimos a você, pois a lembrança de emoções negativas poderá lhe gerar algum desconforto. Pode acontecer de você ficar envergonhado ou chateado ao responder alguma das perguntas, e se você optar por não responder, tudo bem. Não se preocupe porque eu, como psicóloga, estarei à disposição para te dar suporte emocional imediato. Você irá se beneficiar de orientação psicológica se achar necessário, é só me pedir.

Outras dúvidas:

-A participação na pesquisa não será remunerada, entretanto, caso haja despesa para participar da pesquisa haverá ressarcimento.

-Durante a pesquisa, tudo que você disser será mantido em segredo e para apresentação dos resultados utilizaremos outros nomes para que ninguém possa te reconhecer. Essas informações não poderão ser solicitadas ou utilizadas para fins judiciais.

-Esse termo será redigido em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pela pesquisadora e por você que receberá uma delas.

-Em caso de dano decorrente da pesquisa será garantido a você o direito a buscar indenização

- Em caso de dúvidas ou para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (27) 996065094 ou pelo email carolinacvilaca@gmail.com ;

- Em caso de denúncias e/ou intercorrências na pesquisa você poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 ¿ Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Assentimento:

Você concorda em participar da pesquisa?

( ) Sim ( ) Não

Caso você concorde, preciso que você assine seu nome completando a frase abaixo:

Eu _____ concordo em participar da pesquisa de forma voluntária, declaro que compreendi o conteúdo do presente documento, que entendi que haverá gravação da entrevista apenas para transcrição e receberei uma das duas folhas que assinei.

_____

Carolina Corrêa Vilaça

Mestranda do PPGP